



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS ERECHIM

LICENCIATURA EM FILOSOFIA

FERNANDA BARBOSA

MULHERES E FILOSOFIAS: A LEGITIMAÇÃO DE UM *LUGAR DE FALA*

ERECHIM

2023

FERNANDA BARBOSA

MULHERES E FILOSOFIAS: A LEGITIMAÇÃO DE UM *LUGAR DE FALA*

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr^a. Joice Beatriz da Costa

ERECHIM

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

, Fernanda Barbosa Mulheres e Filosofias: A legitimação de um lugar de fala. / Fernanda Barbosa. -- 2023. 56 f.

Orientadora: Doutora Joice Beatriz da Costa

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em
Filosofia, Erechim, RS, 2023.

1. Filósofas. 2. Feminismo. 3. Decolonização. I.,
Joice Beatriz da Costa, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

FERNANDA BARBOSA

MULHERES E FILOSOFIAS: A CONSTRUÇÃO DE UM *LUGAR DE FALA*

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Joice Beatriz da Costa;

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr^a. Joice Beatriz da Costa
Orientadora-UFFS Erechim

Prof. Dr. Thiago Soares Leite
UFFS Erechim

Profa. Dra. Renata Floriano de Souza
IFSUL Pelotas

Dedico este trabalho a minha irmã Salete (*in memoriam*) que foi sem dúvida nenhuma, a pessoa no mundo que mais me encorajou a perseverar e torceu para que este momento chegasse em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Quero aqui agradecer em primeiro lugar a Deus que me possibilitou vivenciar este momento;

Agradeço também aos meus pais pelo dom da vida;

Agradeço aos meus familiares;

Aos meus filhos pela compreensão em meus momentos de ausência;

Ao meu marido pela compreensão e apoio;

Aos meus professores pela missão de dividir conosco sua sabedoria e pela compreensão dos percalços em minha tripla jornada;

Agradeço a minha orientadora Dr^a. Joice Beatriz da Costa, por seu carinho, compreensão e por me ensinar o caminho que uma mulher deve trilhar na Filosofia;

Agradeço ao Prof. Dr. Thiago Soares Leite por me ensinar que é preciso sempre conhecer os dois lados da história e que todos precisam ter voz para contá-la;

Agradeço a Profa. Dra. Renata Floriano de Souza pelo aceite em compor a banca e ser uma inspiração de modelo a seguir;

Agradeço a mim mesma por entender que momentos de dificuldade não me definem e nem ditam o resultado;

Agradeço em especial a minha irmã Salete que não está mais entre nós, que foi a pessoa que mais acreditou em mim e me encorajou em prosseguir nesta caminhada. Sua fé em mim ressoará por toda minha vida e cada conquista minha será tua também!

“Querer ser livre é também querer livres os outros”.

Simone de Beauvoir

RESUMO

Mulheres e Filosofias sempre foram um tema bastante polêmico a ser discutido, pelo fato de não haver um lugar de fala assegurado para estas no âmbito filosófico. O objetivo desta pesquisa é compreender como as mulheres podem legitimar este lugar de fala. A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa foi a revisão bibliográfica de livros e artigos publicados pertinentes ao tema proposto. A importância desta pesquisa se justifica através da observação de um apagamento da presença das mulheres na filosofia, que ocorre principalmente através da falta de registros sobre as mesmas, tornando as pesquisas sobre este tema cada vez mais urgentes e necessárias. Esta pesquisa está estruturada em três capítulos, sendo que no primeiro se discorre acerca da problemática das mulheres nas filosofias, no segundo se tece um pequeno inventário de quem foram as filósofas ao longo da história e no terceiro se aborda a decolonização como possibilidade para legitimação de um lugar de fala. Os resultados obtidos através desta pesquisa apontam para o fato de que sempre houve mulheres no campo do labor filosófico. Como resultado específico do objetivo pretendido, observou-se que o caminho para a legitimação de um lugar de fala feminino dentro das mais diversas filosofias passa pela decolonização do que hoje se entende como filosofia. Desta forma, conclui-se que é preciso decolonizar todo um processo já instaurado, portanto estrutural, do que se entende ser filosofia para agregar de forma efetiva seus atores, no caso desta pesquisa as mulheres.

Palavras-Chave: Feminismo. Filósofas. Decolonização.

ABSTRACT

Women and Philosophy have always been a very controversial topic to be discussed, due to the fact that there is not an assured place of speech for them in the philosophical field. The objective of this research is to understand how women can legitimize this place of speech. The methodology used for this research was a bibliographic review of published books and articles pertinent to the proposed theme. The importance of this research is justified by the observation of an erasure of the presence of women in philosophy, which occurs mainly through the lack of records about them, making research on this theme increasingly urgent and necessary. This research is structured in three chapters: the first one discusses the problem of women in philosophy, the second one weaves a small inventory of who women philosophers have been throughout history, and the third one approaches decolonization as a possibility for the legitimation of a place of speech. The results obtained through this research point to the fact that there have always been women in the field of philosophical work. As a specific result of the intended goal, it was observed that the way to the legitimization of a feminine place of speech within the most diverse philosophies is through the decolonization of what is understood today as philosophy. Thus, it is concluded that it is necessary to decolonize an already established process, therefore structural, of what is understood as philosophy in order to effectively aggregate its actors, in the case of this research, women.

Key words: Feminism. Philosophers. Decolonization.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. MULHERES E FILOSOFIAS: UM LUGAR A SER CONQUISTADO.....	14
3. FEMINISMOS, FILOSOFIAS E FILÓSOFAS.....	31
4. DECOLONIZAR: O CAMINHO PARA A LEGITIMAÇÃO DO LUGAR DE FALA.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	55

1. INTRODUÇÃO

A Filosofia está para aqueles que se atrevem, para aqueles que buscam de forma incessante o fazer filosófico. Enclausurada em meio a diversos contextos, a Filosofia segue sendo um objeto de estudo inalcançável para muitos. É preciso pensar para além dos muros que aprisionam, para além dos pretextos que paralisam, é preciso atrever-se. A Filosofia assim como as mulheres é múltipla e, portanto, aqui serão tratadas as Filosofias.

As mulheres e as Filosofias construíram através dos tempos um relacionamento enigmático, permeado de proibições e calcado na obscuridade em que a mulher repousa no fazer filosófico. Na busca insólita travada do compreender, do amor à sabedoria, segue a mulher como quem se esgueira entre os corredores escuros e sombrios da impossibilidade de ser vista a filosofar. Pode-se aqui imaginar um “incômodo” romance entre as mulheres e as filosofias, num cenário belíssimo no qual a proibição de existir somente instiga mais a vivacidade do sentimento.

Ao examinar os escritos que registram a história da filosofia, observa-se um apagamento e silenciamento¹ das mulheres. Tal apagamento não significa dizer que mulheres que faziam filosofia não existiram, significa apenas que o lugar que de fato pertence às mulheres que se atrevem para a filosofias precisou ser conquistado ao longo do tempo e permanece como tarefa inacabada até o dia de hoje. Trata-se de um fazer contínuo, de uma batalha diária.

Acerca disto, Juliana Pacheco considera que:

É incrível que mesmo em pleno século XXI ainda exista certo espanto (e resistência) ao falarmos de mulheres na filosofia e até quando comprovamos a existência delas na história da filosofia. Por que isso acontece? Porque, infelizmente, a filosofia foi tecida por mãos masculinas que fizeram o possível para ofuscar a presença das mulheres no meio intelectual filosófico. Por isso, atualmente, ainda encontramos consequências desse ofuscamento, como por exemplo: falamos sempre do filósofo com a letra ‘o’ no final, nunca da filósofa com a letra ‘a’ no final; a filosofia é sempre representada na figura de um homem, nunca de uma mulher (PACHECO, 2015, p.9).

¹ Neste capítulo será tratado o apagamento e o silenciamento das mulheres nas filosofias. Entende-se aqui por silenciamento o ato de deixar que a mulher permaneça, mas que não tenha voz ativa. Já o apagamento deve ser aqui entendido quando a presença da mulher não é permitida ou mencionada, no caso de registros.

Busca-se aqui compreender de que forma ocorreu, numa perspectiva histórica, o posicionamento das mulheres quanto ao fazer filosófico e de que forma ainda ocorre na contemporaneidade a legitimação de um *lugar de fala*² para a mulheres nas filosofias. A importância desta pesquisa justifica-se nos poucos registros que existem acerca da presença das mulheres nas filosofias até o século XX, configurando-se essa pesquisa como mais um degrau na escada que leva à legitimação do lugar das mulheres nas Filosofias. Esta pesquisa foi motivada pelas vivências ocorridas durante o curso de graduação, na observância de componentes curriculares ministrados por homens e frequentados quase que totalmente por homens, nos quais estar presente enquanto mulher configurava-se como um grande desafio por espaço, por ser ouvida.

A questão filosófica norteadora desta pesquisa é como se dá a legitimação do *lugar de fala* das mulheres nas Filosofias, considerando que estas sofreram um apagamento de sua presença ao longo da história. Neste sentido, espera-se encontrar como resultado desta pesquisa elementos constituintes para a legitimação do lugar de fala das mulheres e para as mulheres. O lugar de fala somente se dá através da interlocução, não é sobre falar; é sobre ser ouvida! Como metodologia, se utiliza aqui a revisão bibliográfica de escritos acerca do tema proposto. O recorte teórico desta pesquisa será realizado através de pesquisas desenvolvidas por mulheres sobre a sua própria presença na filosofia, autoras como Juliana Pacheco, Graziela Rinaldi da Rosa, Magali Mendes de Menezes, Suzana Albornoz, Líria Andrioli, Carolina Araújo, dentre tantas outras pensadoras Brasil afora, bem como de imortais como Simone de Beauvoir. As teorias aqui descritas convergem entre si na busca incessante pela compreensão do lugar que as mulheres ocupam no âmbito do fazer filosófico; apesar de divergirem em aspectos secundários, todas buscam a compreensão do ser mulher a filosofar. Esta pesquisa será desenvolvida em três capítulos, sendo que, no primeiro, discorre-se acerca do silenciamento das mulheres na Filosofias, no segundo, busca-se tecer um rol das mulheres que fizeram parte do fazer filosófico ao longo da história e, no terceiro e último capítulo busca-se elucidar de que forma ocorre a legitimação de um lugar de fala das mulheres em espaços filosóficos.

² De acordo com a filósofa Djamila Ribeiro em seu livro intitulado "*Lugar de fala*" (2019), este é um termo de origem imprecisa. Nesta pesquisa abordar-se-á este termo do ponto de vista feminista, pautado na diversidade, na teoria racial crítica e no pensamento decolonial. A expressão "lugar de fala" refere-se a conhecer a constituição de um grupo para poder discursar sobre ele, uma vez que o discurso é carregado de poder e controle.

Renato Nogueira, ao redigir o prefácio do livro *filósofas*, considera acerca das teorias filosóficas sobre lugar de fala o seguinte:

A filósofa Djamila Ribeiro, deu publicidade significativa à expressão conceitual lugar de fala, uma categoria analítica tanto na linguística quanto na área de humanidades. Lugar de fala engloba fatores de gênero, étnico-racial, social, histórico, geracional, territorial entre outros. Ora, o lugar de fala não impede que alguém trate de um assunto. Pelo contrário, o seu reconhecimento contribui para que o diálogo seja ainda mais potente. Não é preciso neutralidade ou uma espécie de imparcialidade. Afinal, os discursos que se declaram neutros e imparciais escondem algo. Portanto, ninguém precisa pedir autorização para discorrer sobre um assunto - desde que reconheça o seu lugar de fala. Por exemplo, gente branca pode e deve falar de relações étnico-raciais, assim como homens não podem se esquivar de debater sobre gênero [...]. É importante frisar que o fazer filosófico não parte de um sujeito neutro. O pensamento filosófico é antes de tudo um posicionamento, isto é, o estabelecimento de um lugar (ou ainda, de muitos lugares) no mundo (NOGUEIRA, 2022, p 9).

Este lugar de fala não neutro, precedido por um posicionamento, é fator essencial para que os diálogos estabelecidos sejam potentes e efetivos. Ter consciência do lugar que se fala gera de fato um diálogo que pode resultar em construções de lugares de fala mais assertivos. Para além da construção de um lugar de fala, deve-se aqui pensar na legitimação deste, uma vez que não basta apenas estar presente, é preciso se fazer ouvida. Não se quer aqui um espaço apenas para a representatividade, mas sim pela efetividade.

Legitimar um lugar de fala para as mulheres na Filosofia não consiste numa tarefa fácil. É preciso ressignificar a presença das mulheres, sua voz, sua vez. A compreensão do espaço que as mulheres ocupam nas Filosofias precisa ser ampliada de forma urgente e necessária para todos os envolvidos no processo de filosofar. Apropriar-se deste lugar de fala para as mulheres em espaços filosóficos é cada dia mais importante e indispensável para que a própria Filosofia não corra o risco de em si se encerrar, afogada por egos que a julgam boa demais para ser feita por mulheres. Sendo assim, que ecoe o convite: mulheres, atrevam-se!

2. MULHERES E FILOSOFIAS: UM LUGAR A SER CONQUISTADO.

Vários são os pesos que as mulheres carregam enquanto buscam a superação. Enganam-se os que pensam que o que precisa ser superado são as condições biológicas próprias do gênero, o que de fato precisa ser superado são as crenças infundadas, embasadas em aspectos religiosos ou ainda na concepção da estrutura biológica da mulher, que perpassam os séculos de que seria a mulher um ser inferior, incapaz e inadequado para as altas ciências. Na Filosofia, não é diferente. As dificuldades a serem vencidas não são meramente do fazer filosófico, mas de ser aceita enquanto ser pensante que faz filosofia!

A problemática que se quer aqui levantar é a questão de como se dá o lugar das mulheres nas diversas filosofias nas quais estas buscam se inserir e para isto buscou-se reunir neste capítulo a percepção das autoras Magali Menezes, Juliana Pacheco, Liría Andrioli, Graziela Rosa, Suzana Albornoz, Maria Luísa Ribeiro Ferreira, Marcia Tiburi e Carolina Araújo. A importância das pesquisas destas mulheres se dá em traçar um panorama e evidenciar a problemática de que não há um lugar de fala ainda assegurado e legítimo para as mulheres nas diversas filosofias.

A intersecção entre a problemática social e filosófica é deveras importante, uma vez que, através das temáticas sociais, reflexões importantes que podem modificar o cotidiano das pessoas podem ser desenvolvidas. O receio de tornar a filosofia como meramente utilitarista, despida de seu alto valor teórico e acessível para todas as pessoas, faz com que ocorra um afastamento da filosofia das problemáticas sociais contemporâneas. Dessa forma, a filosofia acaba por se tornar mais e mais distante de toda a população, ficando assim estratificada, reforçando um patriarcado³ e a não presença dos mais diversos gêneros em âmbitos do fazer filosófico.

[...] a Filosofia resiste tanto em problematizar a história de opressão vivida pelas mulheres, construindo um discurso de exclusão e muitas vezes, de desqualificação sistemática de mais da metade da espécie humana? Ou não será isto uma questão filosófica? (MENEZES, 2015, p.66).

³ De acordo com o glossário de “*O livro do feminismo*” (2019), pode-se entender o patriarcado como um sistema social no qual é atribuído aos homens a maior parte ou todo o poder, privilégio e valor e as mulheres são em grande maioria ou completamente excluídas deste poder; sistema em que o pai ou o homem mais velho é o chefe da família e a descendência é considerada através da linhagem masculina.

Ao considerar a segregação das mulheres no âmbito do fazer filosófico, percebe-se que muitos são os lugares que as mulheres precisam conquistar e as Filosofias também são alguns deles. Não há nada de romântico nesta impossibilidade, nesta segregação escancarada, tampouco na luta para pertencer a estes lugares, pois a busca das mulheres é por pertencimento. Acerca disto, a filósofa brasileira Juliana Pacheco questiona:

Onde estão as filósofas na filosofia? Esta é uma questão que vem fomentando alguns pesquisadores (as), os (as) quais buscam desobscurecer a presença feminina na filosofia, pois como sabemos a filosofia ainda é um campo dominado pela figura masculina (PACHECO, 2015, p.14).

A filósofa Líria Andrioli (2011, p.1) afirma que “o reconhecimento social das mulheres como “seres pensantes” foi e continua sendo um desafio para o equilíbrio nas relações de gênero”. A balança sempre esteve pendida para o lado masculino, em todos os âmbitos em que as mulheres se propusessem estar presentes. A segregação por gênero permanece, mesmo que de forma muito velada ainda hoje. Andrioli reitera ainda que “nos currículos escolares e universitários podemos perceber que pouco consta sobre as mulheres que se destacaram enquanto filósofas” (2011, p.1).

A busca por um fim do silenciamento das mulheres em ambientes de fazer filosófico consiste, num primeiro momento, em transgredir, em não se submeter, em compreender que é preciso ir além de tudo aquilo que já foi proposto e, também, entender que seu lugar de direito ainda deve ser plenamente conquistado. Não consiste uma tarefa fácil a busca pela quebra do paradigma filosófico de que as mulheres não estão aptas para a filosofia, uma vez que pesa sobre elas o contexto histórico, biológico e patriarcal⁴ enredados e enraizados na construção social desde os tempos remotos. Sobre isso, Rosa (2015, p.35) reitera que “as transgressões do pensamento filosófico, no que diz respeito às questões de gênero implicam uma quebra de paradigma do pensamento filosófico. Pensamento que foi marcado pelo patriarcalismo”.

⁴ Pesa sobre a mulher o aspecto histórico, pois as mulheres foram condicionadas a serem submissas aos homens ao longo da história; o fator biológico, uma vez que sempre foram consideradas o sexo frágil, não que assim o sejam, porém, tal crença limita seu acolhimento em várias áreas e, também, o aspecto de formação de uma sociedade patriarcal, na qual os homens são os indivíduos que têm sua voz ouvida.

Ao considerar a ação de transgredir, observa-se que o ato de escuta da própria história é transformador, pois viabiliza a legitimação de um lugar de fala único, a partir da sua realidade. Nesse sentido, cabe aqui ressaltar que é a partir do processo de escuta que as mulheres ouvem, internalizam e percebem sua própria história, criando desta forma seu lugar de fala. A criação de um lugar de fala nunca é uma tarefa simples. É através da empatia entre as grandes diferenças de histórias e contextos, completamente diversos entre si, que as mulheres passam a se perceber enquanto protagonistas, enquanto sujeitos filosóficos e, a partir daí, passam a desenvolver um roteiro de uma história em que esta deixa de ser objeto e passa a protagonizar ganhando, assim, voz num processo de interlocução.

Simone de Beauvoir ao considerar uma das formas de transgressão para as mulheres enfatiza que:

Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. (...) A maldição que pesa sobre a mulher vassala reside no fato de que não lhe é permitido fazer o que quer que seja; ela se obstina então na impossível procura do ser através do narcisismo, do amor, da religião; produtora, ativa, ela reconquista sua transcendência; em seus projetos afirma-se concretamente como sujeito; pela sua relação com o fim que visa, com o dinheiro e os direitos de que se apropria, põe à prova sua responsabilidade (BEAUVOIR, 1967, II 449).

Não depender de um homem para seu provimento é uma das maneiras mais conhecidas de transgressão, porém não se mostra completamente efetiva, uma vez que as mulheres são múltiplas e possuem necessidades e realidades diferentes.

A transgressão enquanto possibilidade busca encerrar padrões que reforçam o apagamento das mulheres nos mais diversos contextos, sendo a Filosofia um destes lugares de fala ao qual a mulher por muito tempo teve acesso restrito. A presença das mulheres na Filosofia sempre existiu, porém pelo menos até o século XX de forma velada, uma vez que estas eram consideradas incapazes para o fazer filosófico, assim como tantos outros afazeres, para elas acabava sempre restando os domésticos. Este apagamento da presença feminina no âmbito do fazer filosófico suscita questões como a que se segue: “Onde estão as filósofas? Mesmo sendo excluídas e escondidas, elas fizeram parte da filosofia” (PACHECO, 2015, p.23).

Ao considerar o aspecto histórico das mulheres na filosofia, Andrioli (2015, p.1) considera que “pode-se constatar uma reduzida valorização das mulheres na vida acadêmica e sua participação na história da construção do conhecimento”. Tal apontamento reitera e escancara as consequências do apagamento no qual as

mulheres foram soterradas. Andrioli (2015, p.1) ao citar Simone de Beauvoir nos esclarece um pouco acerca deste apagamento considerando que “toda a história das mulheres foi feita por homens”.

Para as mulheres, não sobrou outra opção que não fosse transgredir para resistir. Neste sentido, segundo a pensadora Graziella da Rosa:

Primeiramente cabe-nos refletir sobre o significado de subverter e/ou transgredir na Filosofia. Subverter significa não subordinar-se ao poder constituído, e transgredir é “passar além de”; “atravessar”; “desobedecer a”, “infringir”, “violar” (ROSA, 2015, p.33).

Não se trata de uma transgressão desmedida, sem intensões. Muito pelo contrário, cada passo pensado por uma mulher buscando se estabelecer na filosofia configura-se como um exército marchando em busca de voz, de vez. A transgressão das mulheres nas filosofias é constituída por passos planejados, que andam juntos, de forma a arquitetar uma movimentação benéfica para todas aquelas que virão posteriormente. O fato de não se submeter à subordinação, de clamar para que seja ouvida, faz com que as mulheres avancem, cada vez mais, em ambientes filosóficos, alcançando lugares que talvez suas predecessoras não ousassem nem sequer sonhar em alcançar. É preciso transgredir para conquistar, para acabar com o apagamento e com o silenciamento das mulheres nas filosofias.

Para Magali Menezes (2015, p.66) uma das perguntas urgentes a ser feita é “como compreender que a chamada Filosofia tão habituada a problematizar, a construir problemas, não traga para dentro de si determinados problemas sociais como sendo reflexões importantes e urgentes de serem feitas”. É neste quesito que as mulheres se enquadram, o que reforça uma percepção de que não há um problema, uma vez que as mulheres estão onde deveriam estar, posição esta que somente é rompida através da transgressão.

Uma das maneiras de transgredir e desatar um nó importante que amarra as mulheres em situações que a deslocam daquele que deveria ser seu lugar é a independência financeira. Ao pensar que a libertação econômica feminina poderia resultar em grandes ganhos para as mulheres em relação aos homens, obteve-se êxito de certa forma, porém, não de forma imediata nem automática. A luta para as mulheres não é somente para uma independência financeira, mas também para a verdadeira Independência intelectual do homem. O que geralmente acontece é que

“as mulheres se acomodam numa expressão discreta que procura não escandalizar e, assim, não atinge tudo o que poderia atingir” (ALBARNOZ, 2015, p.112). As mulheres foram ensinadas durante toda a sua vida a serem comedidas, a não ofuscarem o brilho dos homens, a serem subservientes, enfim a diminuírem-se para caber nos espaços que lhes eram oferecidos e, desta forma, buscando a discrição, acabam por não atingir o máximo do seu potencial.

Ao considerar o contexto histórico, no qual as mulheres estão inseridas, temos de considerar que:

Ao longo dos séculos, as mulheres foram representadas de modo pequeno e inferior, não sendo concedida a elas capacidade racional e intelectual, deixando-as reclusas em espaços restritos, e assim, impedidas de exercer qualquer atividade ligada ao intelecto e ao bem público (PACHECO, 2015, p.15).

Ao pensar no contexto histórico, a questão da representatividade das mulheres nas filosofias é fundamental, pois como se entender e se reconhecer em um espaço no qual há poucos pares? Trata-se de uma tarefa importante a ser realizada, pois é a representatividade que origina todo um movimento para a permanência da presença feminina na filosofia. Sobre a presença das mulheres na mitologia grega, considera-se que:

A mitologia grega destaca fortemente a presença de mulheres através da figura das deusas Artemis, Atena, Afrodite, Deméter, Hera, Perséfone, Pandora e Gaia. Embora a inteligência e o pensamento sejam representados pela deusa Minerva (versão latina da deusa Atena), é interessante destacar, que está nasce não do corpo de sua mãe, mas da cabeça de seu pai, Zeus. Isto demonstra, desde o princípio, a desvalorização da mulher (ANDRIOLI, 2015, p.2).

Inseridas num contexto histórico desafiador, que silencia as mulheres, é de fundamental importância que estas saibam posicionar-se a fim de modificar tal realidade. Não basta transgredir, mas sim organizar-se para que a transgressão tenha o efeito esperado. Neste sentido observa-se que não basta transgredir aleatoriamente, mas sim engajadas em um propósito e fim:

Transgredir na Filosofia implica questionar como podemos transgredir na Filosofia como mulheres, a fim de sermos (re) conhecidas? Quem são as mulheres filósofas? Onde estão as mulheres na Filosofia? Quais os pensamentos das filósofas acerca dos diferentes temas filosóficos? (ROSA, 2015, p.35).

No momento em que as mulheres ousam soltar a voz, erguer a voz, se fazer ouvir, filosoficamente falando ela está em busca de alcançar reconhecimento para todas aquelas que vieram antes dela, aquelas que devido a um sistema patriarcal imperante foram apagadas e silenciadas da história. Fazer filosofia para a mulher, em qualquer época que seja, constitui-se em um grande desafio. Rosa reitera que na contemporaneidade as mulheres ganharam mais voz através do feminismo⁵, mas, ainda, impera sobre elas uma imagem de fragilidade e de procriação em muitos lugares, visão esta que faz com que pareça impossível uma mulher ser apta para qualquer serviço que não esteja ligado ao cuidado.

Marginalizadas, as mulheres seguem buscando oportunidades e meios de se fazer presente nos ambientes em que se faz Filosofia. A não presença das mulheres em tais lugares foi perpetuada pelos homens através do silenciamento feminino, com o intuito de exercer poder sobre as mulheres e assim controlá-las no decorrer da história e precisa ser combatida na atualidade. Tal ocultamento da presença feminina no meio filosófico aniquila os saberes advindos destas e, por consequência, perpetua uma visão negativa das mulheres.

Os discursos dos filósofos influenciaram diretamente o posicionamento das mulheres na filosofia, deixando-as nas margens e no ocultamento. Ainda hoje podemos encontrar as consequências de tais discursos quando não encontramos a figura feminina associada ao campo do saber filosófico. A imagem da mulher foi e continua sendo moldada negativamente, porém, na atualidade, essa “modelagem” tem ocorrido de maneira sutil, agindo “camufladamente” (PACHECO, 2015, p.17).

A desvalorização das mulheres é um traço que ecoa nas mais diversas culturas ao redor do mundo. A luta para ser aceita e valorizada nos mais diversos meios é árdua até hoje. No âmbito filosófico é também uma luta muito pesada, uma vez que mulheres não eram consideradas seres pensantes, aptos, “à altura” do fazer filosófico. Andrioli (2015, p.2) sobre isso argumenta dizendo que “o fato das mulheres se destacarem na história por sua capacidade intelectual não era fator suficiente para serem reconhecidas. Para isto teriam que ser homens”.

⁵ De acordo com o glossário do “*O livro do feminismo*” (2019) pode-se compreender o termo como uma ampla gama de movimentos sociais e ideologias baseada em afirmar os direitos das mulheres, ativismo coletivo para questões jurídicas, econômicas e de igualdade social entre os sexos e a crença de que as mulheres devem ter direitos e oportunidades iguais aos dos homens.

A problemática da não presença das mulheres na filosofias acaba por construir um discurso no qual as mulheres não são bem-vindas e finda por segregar todas as mulheres, que gostariam de estar participando de movimentos de fazer filosófico ao lugar do não ser filosófico. A desqualificação implícita no discurso filosófico que caracteriza as mulheres não pode ser aceita na contemporaneidade, uma vez que as mulheres já vêm conquistando lugares importantes de fala e de interlocução na filosofia.

A opressão vivenciada pelas mulheres, por essa imagem de fragilidade e de incompetência é imensa. Num primeiro momento é preciso antes de mais nada que esta mulher se disponha a fazer filosofia, compreenda que também é capaz, uma vez que essa imagem frágil sobre si mesma, inculcado em sua cabeça, acaba por gerar uma incapacidade estrutural. Desta forma, a transgressão filosófica é singular de muitas maneiras, pois a mesma é capaz de arremessar as mulheres muito além do lugar em que elas almejavam chegar, como se a transgressão fosse uma catapulta em meio a uma guerra. Rosa (2015, p.35) afirma que “transgredir na filosofia implica ir além daquilo que vem sendo pensado e problematizado na história do pensamento filosófico, atravessando ‘as fronteiras’ do pensamento filosófico”.

Neste sentido, cabe aqui ressaltar que as mulheres permanecem em busca de seu lugar de fala, dentro de um contexto que não as exclua e não as desqualifiquem. Desta forma é necessário que a não presença das mulheres na filosofias se constitua como um problema filosófico, uma questão filosófica da maior relevância a ser averiguada e estudada exaustivamente de forma empática em busca de equidade para além da igualdade. É preciso, cada vez mais, derrubar os muros que cercam a filosofia. Assim, pode-se perguntar:

Quem é o sujeito da história da Filosofia? Quem fala e materializa sua fala através de escritas preservadas e cultuadas ao longo da história? O sujeito, que num primeiro olhar, parece oculto, não tem corpo, classe social, raça, identidade; contudo, paradoxalmente, afirma-se, carregando em si a força do logos (MENEZES, 2015, p.69).

Os moldes nos quais enquadraram as mulheres ao longo da história não mudaram, apenas estão mais discretos, uma vez que a presença das mulheres no âmbito acadêmico filosófico se faz mais efetivo, porém a pergunta que se deve fazer é se esta inserção feminina ocorre de fato, ou se dá apenas para se cumprir a norma

da representatividade⁶. Faz-se necessário uma visão apurada por parte das mulheres para reconhecer as tentativas de silenciamento e assertividade pela busca dos lugares almejados. A camuflagem, que sorrateiramente se acumula sobre os padrões necessários para se fazer filosofia, causa um estranho e enviesado abrir de portas para as mulheres no âmbito do saber filosófico.

Nos diálogos realizados sobre as mulheres, no tocante ao ser feminino, fica evidente um menosprezo, como enfatiza Andrioli (2015, p.2) ao afirmar que “a forma como os filósofos, em geral, tematizam a mulher ao longo dos séculos, demonstra um claro desprezo ao ser feminino”. Neste sentido, a filósofa Maria Luísa Ribeiro Ferreira (2009), cita o diálogo platônico *Fédon* (Fédon, 116 b) e também *Timeu* (Timeu, 41d-42 d) afirmando que em *Fédon* as mulheres são convidadas a entrar para imediatamente se exigir a sua retirada e em *Timeu* é difundida a tese platônica na qual se entende que a mulher representa um tipo inferior de humanidade.

Criadas para obedecer, submissas ao comando patriarcal, o ato de transgredir não é usual para as mulheres pois, sempre lhe parecerá que está sendo insubordinada, negando tudo aquilo que lhe foi ensinado sobre si e sobre como deveria comportar-se. Rosa (2015, p.35) afirma que “para transgredir é preciso violar e romper com a opressão”. A opressão é o que manteve, por tanto tempo, o grito preso na garganta, a voz embargada no medo e a vontade de ser ouvida no peito. É necessário que, por meio da transgressão, da subversão, do não se conformar como o local ao qual lhe foi destinado, as mulheres busquem formas de fazer sua voz ecoar, não sobre nem abaixo do fazer filosófico e de sua importância, mas que ressoe juntamente com a potência que a própria filosofia é.

A mulher sujeito⁷ na história da filosofia é algo que pode ser encontrado na contemporaneidade. Os registros históricos da presença da mulher enquanto sujeito na filosofia são parcos e falhos. A importância do registro é imensa, pois é ele que faz com que a presença da mulher na filosofia se dê. A não presença da mulher na filosofia enquanto problemática filosófica concretizada ainda é um lugar almejado,

⁶ A norma da representatividade aqui mencionada refere-se ao fato de ocorrer uma inserção de mulheres no âmbito filosófico apenas para cumprir com normas de inclusão, sejam elas políticas públicas ou pressão social, não oferecendo assim um lugar legítimo para as mulheres em lugares de fazer filosófico.

⁷ Entende-se aqui a mulher sujeito como aquela deslocada de seu imposto papel como objeto, passando aqui da condição de ser observado para observadora. A mulher enquanto sujeito age de acordo com sua decisão e vontade e é protagonista de seus atos, distinguindo a realidade como objeto para além de seu conhecimento subjetivo.

uma vez que o preconceito em torno deste tema é bastante grande e o patriarcado ainda impera na filosofia, mais fragilizado é verdade, pois as mulheres vêm ganhando cada vez mais espaço, porém os homens ainda se configuram como a maioria nos ambientes filosóficos, sobretudo, de ensino e de pesquisa.

Menezes (2015, p.69) ao considerar a presença da mulher na filosofia afirma que “não caberia aqui fazer uma genealogia da história, mas não é muito difícil percebermos a ausência das mulheres como *logos* neste discurso. Mas, esta ausência não é percebida quando a mulher se torna objeto e não mais sujeito de reflexão”. A mulher quando presente nos discursos sempre figurou como objeto a ser observado, nunca sendo encontrada como razão, sendo entendida como incapaz de prover uma conexão entre um discurso racional e uma estrutura racional de mundo.

A falta da divulgação dos registros acerca da presença da mulher na Filosofia ecoa até os dias atuais, nos quais a presença da mulher no meio filosófico acadêmico ainda precisa ser conquistada, validada e assegurada. Acerca destas considerações a filósofa brasileira Márcia Tiburi considera que:

Mas essa presença escassa de mulheres na vida acadêmica e na pesquisa filosófica não é o único problema que nos restou diante de uma história de exclusão das mulheres do âmbito essencial do pensamento. Do mesmo modo, poucas pessoas estão atentas à questão do signifiante “mulher” como um tema a ser investigado (TIBURI, 2015, p 13).

A filósofa Carolina de Araújo ao realizar um estudo evidencia os resultados encontrados:

Este estudo analisa os números de discentes e docentes na Graduação e Pós-graduação em Filosofia no Brasil a partir dos dados oficiais do INEP e da CAPES de 2004 a 2017. As mulheres são, em média, 36,44% dos graduandos, 30,6% dos mestrandos, 26,98% dos doutorandos e 20,14% dos docentes de pós-graduação. Ele mostra que, na carreira acadêmica, as chances do profissional do sexo masculino são, em média, 2,3 vezes maiores do que as do profissional de sexo feminino (ARAÚJO, 2019, p 13).

Araújo (2019) ainda evidencia que no recorte temporal que utilizou no desenvolvimento da pesquisa, pode-se observar um aumento da desigualdade e que a baixa presença de mulheres na área da filosofia não se trata de uma particularidade brasileira, observando ainda que não há no cenário nacional brasileiro nada que justifique a não presença das mulheres em carreiras acadêmicas. Observou-se

também no referido estudo que existe um padrão constante de diminuição da proporção de mulheres ao longo da carreira.

Tal apagamento da presença feminina no âmbito filosófico ainda muito presente atualmente, deve-se ao apagamento histórico massacrante e esmagador da presença das mulheres em qualquer tarefa que pudesse ser compreendida como superior àquelas que lhes eram impostas pelo patriarcado. Pode-se considerar que este apagamento é oriundo da conceituação masculina sobre o feminino, sempre compreendido como incapaz de pensar, inapto para as ciências, dentre elas a Filosofia.

Um dos motivos usados para justificar a não presença das mulheres na Filosofia é o conceito errôneo sobre a natureza da mulher. A natureza da mulher⁸ sempre foi entendida como inferior, como pode-se ver nesta citação: “a mulher é, por natureza, inferior ao homem deve pois o obedecer. O escravo não tem vontade, a criança tem, mas incompleta, a mulher tem, mas impotente” (ARISTÓTELES *apud* PACHECO, 2015, p. 17). Muitas são as nuances da mulher incompreendidas, presas ao que se dizem ser limitações de seu gênero, de sua natureza e a capacidade de pensar seja, talvez, a mais berrante e subestimada de todas as suas características. As mulheres tiveram seu direito de expressar o pensar negado ao longo dos tempos e, com isso, o direito a fazer Filosofia não foi se quer considerado. Portanto, a Filosofia está para as mulheres que se atrevem a romper várias barreiras!

A presença das mulheres nas filosofias só é notada quando muda de posição. Sempre que se fala nas mulheres refere-se à mesma como objeto e não como sujeito da construção teórica. Ao longo dos anos as mulheres perceberam-se enquanto objeto de estudo, mas não como sujeito do fazer filosófico. A mulher nesta situação não detém o *logos*, não está de posse da palavra, mas sim encarcerada no silêncio que lhe foi relegado historicamente. É difícil transpor o caminho entre o silêncio absoluto, no lugar que lhe foi imputado e o lugar de fala, lugar aqui entendido como possibilidade de existência, lugar este que as mulheres sempre observaram ao longe enquanto os homens detinham o *logos*. Apesar de, em alguns momentos, tal

⁸ Este é um conceito que se perpetua através dos tempos, embasado em crenças diversas que vão desde a constituição fisiológica da mulher, até o papel que a mulher ocupa no cristianismo. Sob esta perspectiva, a mulher é entendida como um sexo frágil, incapaz de pensar, não apta para as ciências, ficando relegada durante tantos séculos aos afazeres domésticos e a procriação.

caminhada parecer pesada e intransponível, as mulheres seguem firmes na determinação da construção de um lugar de fala e interlocução.

Menezes, ao pensar a condição das mulheres na filosofia, ainda considera que:

A mulher é o Outro, como comenta Simone de Beauvoir, em sua obra *O Segundo Sexo*, destacando que o Outro é sempre outro para alguém que tem o poder de pronunciar e identificar quem é esse Outro. É necessário portanto, ao lermos esta história podermos perceber a ausência-presença das mulheres e deixar visível o logos que tem o poder de pronunciar a palavra. O Outro surge enquanto condição imposta de existência. O Outro é todo aquele que não fala a partir do lugar de sujeito, mas de um outro lugar, ou melhor, de um não lugar. Uma das faces deste Outro é, para Beauvoir, a Mulher (MENEZES, 2015, p.70).

As mulheres são múltiplas e acabam por se constituir como o outro do outro. É preciso dar voz e reconhecimento as mais diversas mulheres, a mulher negra, a mulher trans, a mulher indígena, enfim todas as mulheres.

O desprezo de ser tratada como inferior é uma seqüela que as mulheres carregaram através dos tempos enquanto galgam suas conquistas e o direito a se fazer presente e serem respeitadas em ambientes em que se faz filosofia é uma das mais almeçadas para as mulheres filósofas.

Esse desprezo, no entanto, não parou as mulheres em sua busca pelo conhecimento e evolução. Andrioli (2015, p 03) reitera que “apesar da discriminação das mulheres no campo filosófico, é possível perceber que, ao longo da história da filosofia, várias mulheres se destacaram como seres humanos que buscaram saber e conhecimento”.

Pensar a relação de gênero e filosofia é sempre um movimento complicado a ser feito, pois implica em um imenso movimento de desconstrução para somente depois poder reconstruir novos conceitos embasados na aceitação efetiva dos diversos gêneros na filosofia. Não se trata aqui de uma busca por representatividade, mas sim da real inclusão das mulheres em ambientes do fazer filosófico, no qual sua presença seja compreendida com normalidade e não como uma exceção à regra patriarcal.

Neste sentido, Rosa considera importante salientar que:

Não temos como pensar as relações de gênero na Filosofia, ou ainda as mulheres e a filosofia sem infringir a normalidade filosófica secular. É emergente violar os temas filosóficos, fazer novas questões, problematizar esse lugar que tanto valoriza a pergunta, mas que tão pouco pergunta sobre as mulheres e o seu pensamento (2015, p.36).

A mulher enquanto o “outro do homem”, configura-se como um ser objeto de uma teoria, jamais como um ser sujeito de uma teoria. A busca em transpor esse lugar de objeto para o lugar de fala, o lugar de sujeito, constitui-se numa das principais aspirações das mulheres que hoje fazem filosofia. Conquistar o direito de se fazer filosofia é uma das premissas mais importantes pelas quais as mulheres passam a lutar no cotidiano de seu fazer filosófico. Trata-se de uma luta diária, de um labor constante. Esse lugar de ser o outro, de objeto, é um lugar conhecido pelas mulheres que buscam trabalhar com filosofia, pois os diversos movimentos de empoderamento das mulheres frente a lugares filosóficos, como grupos de estudo e disciplinas ofertadas sobre esta temática, têm rendido bons resultados e garantido que as mulheres estejam presentes, ainda que em desigualdade numérica para com os homens, mas presentes.

Menezes (2015, p.70) considera que “a exclusão das mulheres representou, de uma certa forma, a hostilidade de uma consciência (androcêntrica) de lidar com o Outro”. Neste sentido, de incompreensão do ser mulher, a saída mais fácil para o homem consistiu em subjugar a mulher, como ressalta Pacheco (2015, p.20): “os discursos que prevaleceram foram daqueles que tratavam a mulher como um ser inferior”.

A prevalência de discursos que diminuem e menosprezam as mulheres devido aos seus aspectos biológicos arraigou-se, ao longo dos tempos, de uma forma que faz com a luta diária em trazer estas raízes para a luz a fim de desmitificá-las, se torne árdua e dolorosa. É preciso transgredir as normas que engessam e paralisam a presença das mulheres na filosofia, pois apesar de já haver uma presença feminina em âmbitos filosóficos, o preconceito com elas é, por vezes, esmagador e acaba por tornar está uma experiência horrenda e insatisfatória.

O preconceito que ronda exaustiva e furtivamente as mulheres no âmbito filosófico não é em vão, pelo contrário, vem carregado de um objetivo obscuro e relevante, como nos mostra Andrioli (2015, p.3) “quando o tema da mulher aparece em textos filosóficos, então, ele é cercado de muitos preconceitos, tentando demonstrar uma suposta inferioridade natural da mulher”.

Maria Luísa Ribeiro Ferreira exemplifica ainda mais como a mulher era compreendida ao afirmar que:

-Os grandes filósofos pouco se interessaram pelas mulheres enquanto objeto de reflexão filosófica;-O vocabulário filosófico comum usa o termo “homem” por “ser humano” e tal uso não é inocente. Ao abrigo de uma falsa neutralidade elegem-se modelos androcêntricos que ao anularem a diferença deixa de fora metade da humanidade. -Os pais fundadores e os construtores da filosofia, tal como hoje a conhecemos, partilharam dos preconceitos da sua época quanto a menoridade e secundarização das mulheres.

Parece estranho que as mulheres precisem lutar para ter um lugar assegurado quando se fala de filosofia, mais estranho ainda parece que estas precisem conquistar esse lugar. É preciso inovar, lançar luz sobre um lugar escuro em que as mulheres foram trancafiadas, um lugar de não aceitação, um lugar tão desafiador para que não pudessem ser ouvidas. Porque sim, fazer filosofia, buscar ser ouvida através do fazer filosófico constitui-se para as mulheres como um grande desafio. É como se estas estivessem encarceradas nos calabouços e de lá fossem impedidas de sair. A busca pelo fazer filosófico das mulheres constitui-se muito como sua própria libertação.

Rosa (2015, p.35) afirma que “na Filosofia, os homens definiram o sistema de herança filosófica. Basta analisarmos quem são os pensadores que estudamos em nossos cursos de graduação”. Configura-se como uma triste realidade o fato da mulher enquanto figura filosófica não estar inserida nos currículos de ensino de filosofia. Esta é uma realidade que vem mudando aos poucos é verdade, mas mudando através das transgressões e subversões das mulheres que se atrevem ao fazer filosófico.

A exclusão das mulheres dos cenários em que se faz filosofia configura-se como uma hostilidade em lidar com a presença feminina nos locais intelectuais. O que acaba por se tornar inconcebível são as motivações para que tal conduta seja tomada gerando, assim, o apagamento e silenciamento das mulheres no âmbito filosófico. A não presença das mulheres em lugares de fazer filosófico constituiu-se ao longo da história como uma verdade para muitos, uma vez que não havia registros suficientemente esclarecedores a respeito da presença das mulheres, em ambientes intelectuais.

Menezes considera ainda que:

A história é feita por homens e mulheres, mas definitivamente, apenas quem possui o direito de pronúncia-la são os homens. Quem são as mulheres que fizeram Filosofia? Nem ao menos nós sabemos. Sentamos nos bancos das universidades e nos deparamos com um espaço masculino. Nossos cursos de Filosofia não se preocupam em resgatar história esquecida, ou o que é talvez mais grave, a história desaparecida (2015, p.74).

É preciso escancarar as portas da filosofia para que as mulheres possam de fato adentrar aos lugares mais profundos e não simplesmente expiar por detrás das portas, ou conformar-se com o vislumbre obtido ao longe através das vidraças. É de suma importância a inclusão do tema gênero enquanto problema filosófico, pois

Falar de mulheres na Filosofia é problematizar a formação dos filósofos na Grécia Antiga, até as atuais seleções do que é válido ou não na Filosofia, ou ainda, do que é considerado como filosófico ou não é. E nesse sentido, pensar acerca das Relações de Gênero na Filosofia é um conhecimento que a maioria dos homens na Filosofia não reconhecem como filosófico (ROSA, 2015, p.36).

Compreender que a não presença das mulheres nas filosofias configura-se como um grande problema filosófico é urgente e importante, no sentido de viabilizar a efetiva participação das mulheres no que diz sentido a se fazer presente não apenas de forma representativa, mas sim de forma que ocorra uma real inclusão das mulheres no âmbito da filosofia e não apenas a representatividade para cumprir uma norma, inserindo-as de fato nos currículos.

O apagamento gerado pela falta da presença das mulheres nos currículos escolares, sejam eles de Ensino Médio, ou ainda o que seria mais grave, nos cursos de graduação de filosofia, é preocupante, uma vez que a presença das mulheres na filosofia sempre foi constante, porém silenciada. O silenciamento da voz dessas mulheres é algo que não pode mais ser permitido. Muitas delas, personagens históricas, já não podem mais falar, cabendo aos seus contemporâneos, que se fale por elas, que se valorize e se proteja uma história da filosofia na qual a não presença das mulheres seja uma inverdade. Uma história da filosofia que contemple e abarque os mais diversos sujeitos, os mais diversos gêneros, que não busque silenciar e apagar os sujeitos que fazem filosofia. Trazer para si o direito à pronúncia da história, no caso da não presença das mulheres na filosofia, é de fato libertador.

A busca pelo fim do silenciamento, por acabar o apagamento das mulheres perpassa a construção de seu lugar de fala. Quando se pensa no processo de construção de um lugar de fala, é importante considerar que:

Será em uma pedagogia de escuta da própria história que as mulheres vão aprendendo a também falar. Não mais uma fala uníssona, em que ferramentas conceituais serviriam para traduzir de uma única forma todas as

realidades, pode-se citar aqui conceitos como gênero e empoderamento, que emergem de contextos específicos e representam uma possibilidade de leitura, distante, muitas vezes, de outras leituras (MENEZES, 2015, p.79).

A noção de poder sobre o corpo da mulher sempre esteve subjugada ao que os outros observavam sobre ela e na filosofia não foi diferente. O controle exercido sobre o sexo feminino acabou por engessar, de forma tão profunda, o poderio intelectual das mulheres que, ainda hoje, pode-se encontrar mulheres que desacreditam de si mesmas e somente se sentem validadas quando aprovadas por um homem.

Ao compreender a caminhada das mulheres na filosofia é impossível desvencilhar os movimentos femininos da subversão necessária para alcançar os objetivos propostos, que são nobres, singulares e singelos, pois as mulheres apenas desejam ser ouvidas e poder praticar filosofia, fazer filosofia. Os mais diversos argumentos absurdos já foram utilizados para eximir as mulheres da busca do fazer filosófico, para dissuadi-la do árduo caminho que se percorre em busca de fazer parte, se fazer ouvida e ter deferido por seus interlocutores o direito de se expressar, o direito a expressar o que pensa visto não como mera opinião, mas sim como pensar filosófico, o agir filosófico. Neste sentido “subverter é transcender. Uma transcendência que se faz ao caminhar com as mulheres e no caminhar das mulheres na Filosofia” (ROSA, 2015, p. 35).

Ao trazer o termo subversão, parece que as mulheres estão andando por caminhos tortuosos, que não as levariam a nenhum lugar valoroso. Acontece que a filosofia para a mulher não está para ser tomada de forma virtuosa, mas sim para ser conquistada de forma bélica. A guerra travada pelo espaço que as mulheres buscam é cada vez mais profunda e modifica a forma como se faz filosofia. Um novo olhar sobre o modo como se faz filosofia é necessário e urgente. Demandas como as questões de gênero e tantas outras da contemporaneidade precisam ser adequadas enquanto problemas filosóficos reais e latentes. Esse novo olhar deve transcender tudo aquilo que se compreende como dado e consolidado em termos de questões filosóficas válidas, pois é somente através de um novo olhar, da busca de uma nova percepção sobre as novas demandas que a filosofia, de fato, poderá acolher todos os sujeitos que ousarem dela se aproximar. Perceba que este não é o real empecilho, que a filosofia em si não se encerra, tão pouco se exime desses novos atores, mas desconstruir os preconceitos estabelecidos é o principal desafio. O atrevimento do

fazer filosófico para aqueles que não foram convidados será sempre um convite à subversão.

Ao questionar a existência de filósofas, Pacheco (2015, p. 22) afirma que “devido a questionamentos acerca da existência de filósofas e o que as mesmas fizeram ou fazem, é que surge uma reflexão sobre o obscurecimento das mulheres dentro da história da filosofia”. Pacheco (2015, p. 24) afirma ainda que “os estudos acerca das mulheres na filosofia são fundamentais, pois só assim poderemos mudar o estatuto de ausência em que elas estão enquadradas”. Mulheres não só existem na filosofia, como resistem aos empecilhos e percalços do caminho do fazer filosófico. Os estudos acerca do tema tornam-se cada vez mais relevantes, visto que os registros acerca da presença das mulheres em ambientes filosóficos se fazem necessário para que haja uma perpetuação e consequente solidificação da presença das mulheres na filosofia

Faz se necessário essa subversão, uma vez que “aprendemos na Filosofia que a palavra é dos homens, e que o silêncio é nosso. Trata-se de uma história mal contada, pois muitas mulheres existiram e outras tantas fazem parte do cotidiano da Filosofia” (ROSA, 2015, p. 36). É inconcebível que as mulheres possam conformar-se como um lugar que para elas foi destinado. Ao internalizar que a palavra está para o homem assim como o silêncio está para a mulher, as mulheres passaram a tomar forma do lugar a que lhe destinaram ficar. Sempre houve aquelas que ao serem persuadidas a se alojar em lugares minúsculos, lugares dos quais suas vozes não podiam ser ouvidas, sua caminhada era impedida e o seu crescer intelectual deplorado se recusaram a obedecer, a serem submissas. Os registros históricos mostram, que sempre houve mulheres e muitas outras que, atualmente, fazem parte do cotidiano filosófico. Estas são as mulheres que vieram primeiro, que carregaram no peito a vontade de fazer filosofia e pagaram o preço por fazê-lo.

Ainda hoje quando temos um evento sobre Mulheres e a Filosofia, pouquíssimos homens participam, prestigiam ou valorizam. Quando uma estudante de graduação escolhe pesquisar sobre tal problema, logo é desmotivada por homens e algumas mulheres (também encharcadas dessa lógica patriarcal). Poucos departamentos de Filosofia no Brasil reconhecem a temática como uma questão filosófica, enquanto que em outros países, já temos o tema “As mulheres e a Filosofia”, e/ou “As Relações de Gênero na Filosofia”, como temas consolidados (ROSA, 2015, p.36).

A falta de interlocução para com os seus ímpares faz com que a temática do gênero enquanto problema filosófico se torne cada vez mais distante de ser alcançada. O diálogo entre seus pares garante uma escuta ativa, empática e acolhedora de quem vivencia os mesmos problemas, de quem enfrenta os mesmos desafios e acaba, sim, por fortalecer umas às outras numa esfera micro e também fortalece todo o movimento em prol da presença feminina na filosofia, numa esfera macro.

A criação da imagem da mulher de forma distorcida, que infelizmente ainda perdura até os dias atuais serviu apenas para diminuir ainda mais a mulher e desta maneira excluí-la dos ambientes intelectuais, uma vez que “alguns filósofos que estudamos na história da filosofia percebiam as mulheres e escreviam sobre elas de maneira pejorativa”. (ROSA, 2015, p.36)

Ao observar tantos aspectos do apagamento e do silenciamento das mulheres na filosofia, é importante ressaltar que as mulheres seguem buscando a conquista de seu lugar de fala e de direito. Os movimentos são, cada vez mais, pungentes no sentido de mulheres se fazendo presentes em universidades e em cursos de graduação de Filosofia. Ainda há um caminho longo a percorrer para que a presença das mulheres nas cátedras filosóficas não seja somente de representatividade, mas sim de total admissão nos mais diversos âmbitos do fazer filosófico. É importante que se entenda, que a construção do lugar de fala somente será estabelecida no momento em que se criar uma interlocução adequada com seus ímpares. O lugar de fala inadequado, enviesado, aquele no qual permitem que mulheres falem, mas não sejam ouvidas, não são interessantes e tampouco eficazes. A busca por transformar a temática da não presença das mulheres na filosofia persiste. É necessário um novo olhar sobre ela. A legitimação do lugar de fala na Filosofia é um movimento criado ao longo da história por todas as mulheres que se atreveram a transgredir para conquistar e é sobre estas muitas mulheres tecedeiras de filosofias que o próximo capítulo tratará.

3. FEMINISMOS, FILOSOFIAS E FILÓSOFAS.

O feminismo clássico ocorreu do século XIX ao XX e destaca os avanços conquistados pelas ativistas feministas na luta pela igualdade de gênero. No período entre guerras, as mulheres conquistaram mais direitos, especialmente no contexto do estado de bem-estar social. No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, houve certa estagnação nos movimentos feministas. No decorrer deste capítulo, utilizou-se de notas de rodapé para identificar quem eram as pensadoras destacadas. Estas notas foram retiradas de pesquisas realizadas no site Wikipedia, na internet. Sabendo não se tratar esta fonte de caráter científico, seu uso foi proposital. O que buscou evidenciar-se aqui é a forma como estas pensadoras estão descritas para o grande público, pois tratasse de um site de pesquisa popular entre estudantes do ensino básico. Observou-se então que poucas delas são denominadas como filósofas.

“O Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir⁹, publicado em 1949, não foi capaz de revitalizar completamente o movimento. A partir da década de 1960, houve uma série de eventos internacionais, como guerras, movimentos revolucionários e agitações sociais, que reacenderam o feminismo. Nos Estados Unidos, o livro "A mística feminina" de Betty Friedan¹⁰, publicado em 1963, teve um impacto significativo, assim como outros trabalhos de autoras como Shulamith Firestone¹¹, Kate Millett¹² e Germaine Greer¹³. Na Europa, autoras como Juliet Mitchell¹⁴, Sheila Rowbotham¹⁵, Annie Leclerc¹⁶ e Luce Irigaray¹⁷ também contribuíram para o movimento feminista. Na Espanha, o fim do regime franquista impulsionou o ressurgimento do feminismo, com figuras como Lidia Falcón¹⁸ e María Aurelia Capmany¹⁹ liderando o movimento.

⁹ Escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa (1908-1986).

¹⁰ Ativista feminista estado-unidense (1921-2006).

¹¹ Feminista canadense-americana (1945-2012).

¹² Ativista feminista estadunidense (1934-2017).

¹³ Acadêmica e escritora australiana (1939-)

¹⁴ Psicanalista e feminista socialista britânica (1940).

¹⁵ Feminista socialista inglesa (1943).

¹⁶ Escritora francesa (1940-2006).

¹⁷ Filósofa e feminista belga (1930).

¹⁸ Escritora espanhola (1935).

¹⁹ Escritora catalã (1918-1991).

Celia Amorós²⁰, Amelia Valcárcel²¹, Alicia Puleo²² e Emilce Dio Bleichmar²³ foram outras autoras influentes no campo do feminismo na Espanha (BARRANCOS, 2022).

Não há como falar de mulheres fazendo filosofia sem adentrar a história do feminismo, pois em um momento em que não havia para as mulheres nenhum direito, elas atreveram-se a transgredir as regras para conquistar espaço. Neste sentido, a pesquisadora Constância Lima Duarte (2019, p 26) afirma que “se a história do feminismo é pouco conhecida, deve-se também ao fato de ser pouco contada”. Nesta pesquisa realizar-se-á um recorte da América Latina e do Brasil.

O feminismo é um movimento político e de pensamento que busca a igualdade de direitos para as mulheres, combatendo a subordinação masculina. Surgiu no século XIX e se manifestou através de diferentes movimentos e abordagens metodológicas. Embora os diferentes grupos feministas compartilhassem objetivos semelhantes, suas formas de organização e métodos de ação muitas vezes divergiam. O patriarcado, sistema que surgiu no período neolítico e está relacionado à revolução agrícola, desenvolveu ideias e práticas de submissão das mulheres. Mesmo com mudanças ao longo do tempo, persistiram nichos patriarcais que resultaram em desigualdades salariais, baixa representatividade feminina em cargos de liderança e violência contra as mulheres. No século XIX, o patriarcado foi reforçado pela ascensão da burguesia, resultando na repressão das mulheres. O fortalecimento do sistema capitalista e a afirmação da burguesia como grupo dominante contribuíram para a subordinação das mulheres, que foram excluídas da esfera pública e restringidas a papéis domésticos. A maternidade foi valorizada de forma exponencial, mas ao mesmo tempo as mulheres foram consideradas inferiores e incapazes em comparação aos homens. As análises sobre as mulheres durante esse período destacaram suas supostas limitações e a necessidade de tutela masculina. Essa negação arbitrária da igualdade de gênero foi comparada à justificativa da escravidão, e o despertar do feminismo coincidiu com as lutas pela abolição (BARRANCOS, 2022).

²⁰ Filósofa feminista espanhola (1944).

²¹ Filósofa feminista espanhola (1950).

²² Filósofa feminista argentina (1952).

²³ Médica psicanalista argentina.

A história do Feminismo no Brasil se entrelaça com as das primeiras mulheres a ousarem fazer filosofia. Constância Lima Duarte ao conceituar o feminismo pondera que se deva pensar assim:

Pois o feminismo, a meu ver, deveria ser compreendido em um sentido mais amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, por iniciativa individual ou de grupo (DUARTE, 2019, p 26)

O feminismo se apresenta para a sociedade de uma forma bastante incisiva, e seus momentos são marcados por uma forma de fluir bastante interessante pela observação de seu fluxo natural:

tais momentos conservam uma movimentação natural em seu interior, de fluxo e refluxo, e costumam, por isso, ser comparados a ondas, que começam difusas e imperceptíveis e, aos poucos (ou de repente), se avolumam em direção ao clímax – o instante de maior envergadura, para então refluir numa fase de aparente calma, e novamente recomeçar (DUARTE, 2019, p 27).

A pensadora Dora Barrancos ao conceituar o feminismo diz que deve-se compreendê-lo como:

O feminismo é uma corrente de pensamento e de ação política cujo objetivo central se sintetiza na conquista da igualdade de direitos para as mulheres e, por consequência, seu propósito é extinguir toda e qualquer tutela masculina subordinante (BARRANCOS, 2022 p 19).

A movimentação natural destinada a um fim, fez com que em alguns momentos este movimento tivesse maior visibilidade, nas primeiras décadas do século XIX.

As décadas em que esses momentos teriam obtido maior visibilidade, ou seja, em que estiveram mais próximos da concretização de suas bandeiras, seriam em torno de 1830, 1870, 1920 e 1970. Foram necessários, portanto, cerca de cinquenta anos entre uma e outra, com certeza ocupados por um sem-número de pequenas movimentações de mulheres, para permitir que as forças se somassem e mais uma vez fossem capazes de romper as barreiras da intolerância, abrindo novos espaços (DUARTE, 2019, p 27).

O movimento feminista da época buscava defender bandeiras que hoje se constituem como normais e comuns no cotidiano da mulher brasileira. É preciso sempre lembrar que os direitos das mulheres no Brasil foram construídos a base de muita luta. Tem-se o costume de entender que as coisas que nos são dadas sempre nos foram disponibilizadas e por isso se faz tão importante a divulgação da história do feminismo e de todas as suas conquistas. Uma das primeiras bandeiras levantadas

no início do século XIX, de acordo com a filósofa Constância Lima Duarte (2019, p 27) foi “a primeira bandeira, que não poderia ser outra que o direito básico de aprender a ler e a escrever (então reservado ao sexo masculino)”.

A ascensão do movimento socialista na América Latina, especialmente na Argentina, Chile e Uruguai, no final do século XIX, a social-democracia, como força política, procurou conciliar o radicalismo das ideias socialistas com métodos políticos mais moderados, visando a transformação gradual da sociedade. Os socialistas-democratas foram os primeiros a defender o direito de voto das mulheres durante o Congresso de Erfurt em 1891. Enquanto muitas socialistas apoiavam o feminismo e lutavam pelos direitos das mulheres, elas enfatizavam a primazia da luta de classes. Deste período, destacaram-se Clara Zetkin²⁴, Rosa Luxemburgo²⁵, Therese Schlesinger²⁶, Louise Saumoneau²⁷, Alexandra Kollontai²⁸, Sofia Perovskaia²⁹, mulheres que abordaram questões relacionadas à condição feminina dentro do contexto da dominação de classe. Alexandra Kollontai, em particular, defendeu a importância de uma mudança radical do sistema capitalista para garantir a emancipação das mulheres. Ela também enfatizou a solidariedade entre os trabalhadores como um fator crucial para alcançar a igualdade de gênero.

Conforme o costume da época, as mulheres estariam enclausuradas no ambiente doméstico. A busca pelo pertencimento a si mesma fez com que muitas destas mulheres transgredissem as normas vigentes, buscando alcançar lugares aos quais não tinham acesso. Estas mulheres eram tachadas de feministas, como se pode ver na citação abaixo:

no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente (DUARTE, 2019, p 27).

²⁴ Professora, jornalista e política marxista alemã, figura histórica do feminismo (1857-1933).

²⁵ Filósofa e economista marxista polaco-alemã (1871-1919).

²⁶ Feminista austríaca (1940).

²⁷ Feminista francesa (1875-1950).

²⁸ Líder revolucionária russa e teórica do marxismo (1872-1952).

²⁹ Revolucionária Russa (1853-1881).

Duarte (2019, p 25) enfatiza que “A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas foi estabelecida em 1827”. Enquanto isto não acontecia, como uma grande onda, mulheres que foram educadas em casa tomaram a iniciativa de estender os benefícios do conhecimento às outras mulheres, abrindo escolas e publicando livros.

Algumas mulheres desafiaram as estruturas patriarcais, mas apenas no século XIX surgiram movimentos coletivos emancipatórios. Durante a Revolução Francesa, as mulheres esperavam que a igualdade de gênero fosse reconhecida, mas a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, promulgada em 1789, excluía explicitamente as mulheres. Algumas precursoras feministas, como Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft, escreveram declarações e manifestos exigindo igualdade de direitos para as mulheres. No entanto, essas vozes foram rejeitadas e silenciadas, e muitas dessas mulheres foram perseguidas e executadas durante a época do terror. A luta pela emancipação feminina ganhou impulso no século XIX, quando as disparidades sociais e culturais se acentuaram, e as feministas reconheceram as estruturas patriarcais que mantinham as mulheres subjugadas. Desta época destacam-se³⁰, Olympe de Gouges³¹ e Mary Wollstonecraft³².

A opressão e subordinação que as mulheres enfrentavam, compara-se ao sistema de escravidão. O Código Bonaparte, de 1804, reforçou a ideia de que as mulheres eram propriedade dos maridos, tornando-as legalmente dependentes. A falta de direitos, como o direito de voto, as privava da cidadania, e o casamento as transformava em "mortas civis", obrigadas a obedecer aos maridos. Além disso, as mulheres tinham restrições no acesso à propriedade e enfrentavam diferenças salariais significativas em relação aos homens. A Convenção de Seneca Falls em 1848 foi um marco inicial do movimento feminista nos Estados Unidos e na Europa. Embora o termo "feminismo" tenha demorado a ser utilizado, movimentos precursores dos direitos das mulheres já existiam antes desse período. Na França, houve ativismo na década de 1830, e o termo "feminismo" foi usado pela primeira vez em 1882. A luta pelo direito ao aborto também apareceu entre as adeptas feministas. A autora Virginia Woolf foi uma figura importante que abordou as questões de gênero em suas obras, enfatizando a importância do trabalho para a emancipação das mulheres e

³⁰ Escritora e filósofa francesa (1565-1645)

³¹ Escritora e feminista francesa (1748-1793)

³² Escritora e filósofa inglesa (1759-1797).

defendendo uma sociedade mais justa e menos competitiva. Neste período destacam-se Elizabeth Cady Stanton³³, Lucretia Mott³⁴ Hubertine Auclert³⁵ e Madeleine Pélletier³⁶, Virginia Woolf³⁷.

Neste período inicial do feminismo no Brasil, tem-se a filósofa que irá se destacar nesta pesquisa, sendo ela uma das primeiras do Brasil. Em 1810, nascia Nísia Floresta Brasileira Augusta, no Rio Grande do Norte. Esta é uma das filosofas pouquíssimo tratada nos estudos e de acordo com o pensador Paulo Margutti isto se deve a:

A desconcertante invisibilidade de Nísia Floresta talvez se explique pelo fato de que a filosofia brasileira tenha sido estudada inicialmente a partir de uma visão excessivamente masculina da evolução de nosso pensamento, previsivelmente cega para contribuições femininas, por mais relevantes que fossem (Margutti, 2019, p 10).

De acordo com Constância Lima Duarte (2019, p 28) Nísia Floresta foi “uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos em jornais da chamada “grande” imprensa”.

Dona de pensamentos vanguardistas, Nísia teve atitudes consideradas muito arrojadas para a época e também para sua pouca idade. De acordo com o pensador Paulo Margutti (2019, p 15) isto se deu pelo fato de que “O ambiente doméstico e a educação das crianças no lar de nossa autora parece ter sido mais liberal do que o aceito para a época”.

Mesmo tendo sido criada em um ambiente mais livre, Nísia sentia a pressão vinda de ser mulher e acabou sucumbindo às imposições sobre seu gênero, porém reapropriando de si rapidamente:

Apesar de educada nesse ambiente mais arejado, em 1823, aos treze anos de idade, Nísia casou-se com Manuel Alexandre Seabra de Melo, latifundiário de pouca cultura, e corajosamente separou-se dele mais ou menos um ano depois, voltando a morar com os pais (MARGUTTI, 2019, p 15).

³³ Uma das principais organizadoras da Convenção de Seneca Falls em 1848.

³⁴ Desempenhou um papel importante na luta pelos direitos das mulheres.

³⁵ Militante francesa e uma das primeiras a usar o termo "feminista" para se referir ao movimento pelos direitos das mulheres

³⁶ Defensora do direito ao aborto

³⁷ Escritora inglesa notável que abordou as questões de gênero em suas obras.

Constância Lima Duarte (2019) enfatiza que Nísia, que residiu em Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro, antes de se mudar para a Europa, publicou seu primeiro livro em 1832, intitulado *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, inspirado em Mary Wollstonecraft. Nísia Floresta criticou a ideia dominante da superioridade masculina e defendeu que as desigualdades de gênero eram resultado da educação e circunstâncias de vida, antecipando a noção de gênero como construção sociocultural. Pode -se dizer que sua obra representa uma nova escritura e uma resposta brasileira ao feminismo.

O pensador Paulo Margutti (2019, p 18) afirma que quando na Europa Nísia “recebeu a visita de Augusto Comte e trocou correspondência com ele, num total de treze missivas. Em 1857, faleceu Comte e Nísia foi uma das quatro mulheres que compareceram ao seu enterro”.

Nísia Floresta teve seu final de vida marcado por alguns dessabores, como se pode ver na citação abaixo:

Morreu em 1885, vítima de uma pneumonia, aos setenta e cinco anos de idade. Nessa ocasião, ela já não possuía o prestígio social de antes, em virtude da mudança em suas condições econômicas, da velhice, da saúde precária e da transformação dos costumes. No ano anterior, uma escritora sua conterrânea, Isabel Gondim, influenciada pelos boatos da época a respeito de Nísia, promoveu uma campanha difamatória contra ela, acusando-a de ser mestiça, leviana, adúltera e plagiadora (MARGUTTI, 2019, p 21).

Dentre toda a obra deixada por Nísia Floresta, pode-se dizer que *O direito das mulheres e a injustiça dos homens* figura como a mais importante, as teorias expressas neste livro fizeram parte de uma publicação intitulada *A philosopha por amor* em 1845, de Ana Euridice Eufrosina de Barandas³⁸. Neste mesmo período destacavam-se outras escritoras, como Beatriz Francisca de Assis Brandão³⁹, Clarinda da Costa Siqueira⁴⁰ e Delfina Benigna da Cunha⁴¹, mas foi apenas em meados do século XIX que surgiram os primeiros jornais dirigidos por mulheres, como

³⁸ Escritora brasileira, pioneira da literatura feminina e feminista no país (1806-1863).

³⁹ Poetisa, tradutora, musicista e educadora brasileira (1779-1868).

⁴⁰ Poetisa feminista sul-rio-grandense (1818-1867).

⁴¹ Poetisa brasileira, ajudou a fundar as manifestações de literatura gaúcha (1791-1857)

o "Jornal das Senhoras" de Joana Paula Manso de Noronha⁴² e "O belo sexo" de Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar⁴³ (DUARTE, 2019).

Um segundo momento do feminismo no Brasil, no final do século XIX, ficou marcado pela luta por ampliar a educação e também pela busca do direito de votar. Foi nesse momento que surgiu um movimento de expressão feminina no Brasil, com a criação de diversos jornais e revistas feministas, principalmente no Rio de Janeiro. Essas publicações tinham um caráter mais jornalístico do que literário. Destacam-se O Sexo Feminino, dirigido por Francisca Senhorinha da Mota Diniz⁴⁴, e o Echo das Damas, editado por Amélia Carolina da Silva Couto⁴⁵. Esses periódicos defendiam a igualdade de gênero, o direito das mulheres à educação e ao trabalho remunerado, e divulgavam as conquistas femininas em outros países. Mulheres como Francisca Senhorinha, Elisa Diniz Machado Coelho⁴⁶ e Josefina Álvares de Azevedo⁴⁷ foram figuras importantes nesse movimento, lutando pela emancipação feminina, denunciando a opressão e defendendo direitos como o divórcio e o voto. Além do Rio de Janeiro, outras regiões também tiveram publicações relevantes, como O Corimbo, de Porto Alegre, e a revista A Mensageira, de São Paulo. Essas publicações mobilizavam as mulheres, defendendo o sufrágio feminino, a educação superior e a profissionalização feminina. Esses jornais e revistas feministas criaram uma rede de apoio mútuo e promoveram a conscientização das mulheres, exercendo funções catárticas, pedagógicas e de lazer. Esse movimento representou uma importante etapa na luta das mulheres brasileiras por direitos e igualdade de gênero (DUARTE, 2019).

A próxima grande onda se inicia com as mulheres muitos mais organizadas e engajadas em um único propósito:

O século XX já inicia com uma movimentação inédita de mulheres mais ou menos organizadas, que clamam alto pelo direito ao voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho, pois queriam não apenas ser professoras, mas também trabalhar no comércio, nas repartições, nos hospitais e indústrias (DUARTE, 2019, p 35).

⁴² Escritora, tradutora, jornalista, professora e pioneira do feminismo na Argentina, Brasil e Uruguai (1819-1875).

⁴³ Escritora e jornalista.

⁴⁴ Escritora, educadora e jornalista brasileira (1834-1910).

⁴⁵ Jornalista e Feminista

⁴⁶ Escritora e jornalista.

⁴⁷ Jornalista, escritora e precursora do feminismo no Brasil (1851-1913).

No século XX, as mulheres organizaram-se em movimentos para reivindicar direitos como o voto, acesso à educação superior e ampliação do campo de trabalho. Bertha Lutz⁴⁸ e Maria Lacerda de Moura⁴⁹ foram algumas das líderes destacadas nesse período. Bertha Lutz fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, enquanto Maria Lacerda de Moura lutava pela "libertação total da mulher" e pelo operariado. A década de 1920 foi marcada pela movimentação das mulheres, incluindo um feminismo burguês e um movimento anarcofeminista. Destacam-se personalidades como Leolinda Daltro⁵⁰, Ercília Nogueira Cobra⁵¹, Diva Nolf Nazário⁵² e Alzira Soriano⁵³, a primeira prefeita da América do Sul. Em 1932, o direito ao voto feminino foi incorporado ao Código Eleitoral, mas as eleições foram suspensas e as mulheres só puderam exercer o direito em 1945. No campo literário, escritoras feministas como Rosalina Coelho Lisboa⁵⁴, Gilka Machado⁵⁵ e Mariana Coelho⁵⁶ também se destacaram (DUARTE, 2019).

Os movimentos feministas na América Latina podem ser divididos em três ciclos distintos. O primeiro ciclo ocorreu entre a década de 1900 a 1910, com a maioria das feministas sendo mulheres da classe média e média alta, principalmente de origem branca. Nesse período, as principais questões abordadas eram a igualdade jurídica, os direitos políticos, a educação e o reconhecimento da maternidade (BARRANCOS, 2022).

Na América Latina, a relação entre o movimento feminista e as organizações proletárias e ideologias representativas durante a segunda metade do século XIX é difícil e controversa. Embora as organizações trabalhistas tenham reconhecido a situação difícil das trabalhadoras em relação à baixa remuneração e assédio sexual, elas não incluíram explicitamente as mulheres em seu estatuto. Havia uma resistência generalizada em permitir que as mulheres trabalhassem fora de casa, mesmo entre os setores mais radicais da classe trabalhadora. No entanto, houve vozes dentro do movimento operário que defendiam a emancipação das mulheres (BARRANCOS, 2022).

⁴⁸ Ativista feminista, cientista e política brasileira (1894- 1976).

⁴⁹ Professora, escritora, anarquista e feminista brasileira (1887-1945).

⁵⁰ Professora, sufragista e indigenista brasileira (1859-1935).

⁵¹ Escritora brasileira (1891-).

⁵² Sufragista e feminista brasileira.

⁵³ Em 1928, tornou-se a primeira prefeita do Brasil, antes mesmo do sufrágio.

⁵⁴ Escritora e jornalista (1900-).

⁵⁵ Poetisa brasileira (1893-1980).

⁵⁶ Educadora, escritora, ensaísta, poetisa, jornalista (1872-1954).

No Peru, Flora Tristán⁵⁷ atuava como uma pioneira na luta pelos direitos trabalhistas e pelo reconhecimento e dignidade das mulheres. Ela enfatizou a importância da independência das mulheres como um indicador do nível de civilização de uma sociedade. Flora Tristán experimentou humilhações e abusos, enfrentando dificuldades em sua vida pessoal. No entanto, ela se dirigiu principalmente às mulheres pobres que enfrentavam condições de trabalho desumanas. Embora seu programa tenha algumas limitações, ela é considerada uma feminista de classe que tentou estabelecer uma conexão entre o feminismo e o movimento operário, embora essa tentativa tenha sido mal-sucedida (BARRANCOS, 2022).

Quando se fala em um feminismo anarquista e sua relação com a emancipação das mulheres observa-se que diversas correntes anarquistas consideraram a subordinação das mulheres como uma forma de opressão que deveria ser superada para alcançar a liberdade. Apesar de críticas ao feminismo, muitas anarquistas se engajaram na luta contra a subjugação feminina, participando ativamente na vida cultural e sindical. Elas foram pioneiras em questões como contracepção, maternidade voluntária e antinatalismo. As anarquistas também defenderam o "amor livre" como forma de romper com as convenções burguesas e vivenciar a sexualidade de maneira genuína. Embora houvesse diferenças e limitações históricas, reconhece-se que o anarquismo teve influências precursoras para o feminismo (BARRANCOS, 2022).

Nos anos 1970, o feminismo ganhou destaque e conseguiu transformar costumes e conquistar direitos. O ano de 1975 foi declarado o Ano Internacional da Mulher, estendido até 1985, devido à condição precária das mulheres e à necessidade de eliminar a discriminação. Encontros e congressos foram realizados, surgiram diversas organizações reivindicando maior visibilidade, conscientização política e melhorias nas condições de trabalho. O dia 8 de março foi oficializado como o Dia Internacional da Mulher pela ONU. No Brasil, o movimento feminista teve características distintas, já que as mulheres também se posicionaram contra a ditadura militar, a censura e pela redemocratização do país. Além disso, houve debates intensos sobre sexualidade, direito ao prazer e ao aborto. O planejamento familiar e o controle da natalidade passaram a ser considerados políticas públicas. Nesse contexto, surgiram jornais e publicações dirigidos por mulheres, que abordavam temas polêmicos da época, como anistia, aborto, trabalho feminino,

⁵⁷ Militante peruano-francesa.

prostituição, preconceito racial, literatura e arte. No campo político, as mulheres começaram a ocupar espaços nos partidos e disputar eleições, embora ainda não na amplitude desejada. No campo literário, algumas escritoras se destacaram por se posicionarem contra o governo ditatorial (DUARTE, 2019).

Enquanto isso na América Latina, o segundo ciclo ocorreu nos anos 1970 e 1980, em resposta às renovações trazidas pelo feminismo da "segunda onda". Nesse período, houve avanços significativos no mercado de trabalho, na participação política e na educação das mulheres. No entanto, a dominação masculina ainda persistia em diferentes áreas da sociedade, inclusive na academia (BARRANCOS, 2022).

Na década de 1980, houve um movimento de institucionalização dos estudos sobre as mulheres no meio acadêmico brasileiro, com a criação de núcleos de estudos, grupos de trabalho e a realização de congressos e seminários. Essa iniciativa visava promover a troca de conhecimento entre pesquisadoras, legitimar os estudos sobre as mulheres e preencher a carência bibliográfica existente. Diversas escritoras e intelectuais contribuíram para a reflexão sobre o papel das mulheres na sociedade brasileira, como Nélide Piñon⁵⁸, Lygia Fagundes Telles⁵⁹, Clarice Lispector⁶⁰, entre outras. O movimento feminista enfrentou resistências, mas conseguiu avançar e impulsionar a luta por igualdade de gênero e direitos para as mulheres no país (DUARTE, 2019).

Nos anos 1990, as bandeiras feministas começaram a perder força devido à acomodação da militância e ao surgimento de novos interesses acadêmicos, levando a diluição do feminismo nos estudos culturais e de gênero. Alguns consideram essa época como "pós-feminista", argumentando que as reivindicações já foram atendidas. No entanto, ainda persistem desigualdades salariais, sub-representação política e violência contra as mulheres. O movimento feminista está passando por um período de amadurecimento e reflexão (DUARTE, 2019).

Na América Latina, o terceiro ciclo teve início no final dos anos 1990 e continua até os dias atuais. Nesse ciclo, há uma maior diversidade de manifestações feministas, incluindo questões relacionadas às sexualidades livres, pós-colonialismo e protesto antipatriarcal. Também há uma crescente conscientização e luta contra a violência de gênero em todas as suas formas (BARRANCOS, 2022).

⁵⁸ Escritora brasileira (1937-2022)

⁵⁹ Escritora brasileira (1918-2022).

⁶⁰ Escritora e jornalista ucraniana (erradicada brasileira, 1920-1977).

Ao longo desse século de atuação feminista, houve mudanças sociais e culturais significativas, especialmente entre as mulheres. As feministas desafiaram os obstáculos impostos pelo sistema patriarcal e abriram caminho para a transformação das mentalidades e dos costumes. No entanto, ainda persistem desafios, como a violência contra as mulheres e a resistência masculina à mudança. Atualmente, há um renascimento dos feminismos na América Latina, com uma ampla diversidade de abordagens e uma participação crescente de mulheres jovens e de diferentes grupos sociais. Esses feminismos buscam a igualdade de gênero, o respeito aos corpos das mulheres e o fim de todas as formas de violência (BARRANCOS, 2022).

As sociedades latino-americanas incorporaram o feminismo como uma reação ao domínio masculino presente nos costumes e nas normas sociais. Ao longo do século XX, os movimentos feministas surgiram e se desenvolveram de forma variada em cada país da região, não alcançando uma adesão massiva em termos demográficos. No entanto, houve um aumento significativo da empatia e da mudança de atitude das mulheres em relação ao feminismo, resultando em uma transformação das relações de gênero na sociedade latino-americana (BARRANCOS, 2022).

Fica evidente o grande número de mulheres que sempre estiveram presentes nas diversas filosofias. Mas por qual motivo então o registro destas mulheres foi apagado? Isto ocorre pelo lugar de fala da pessoa contando a história. É chegada a hora de decolonizar⁶¹ essa fala, de dar voz a quem também faz filosofia, valorizar este outro ponto de vista. É preciso que estas mulheres sejam sabidas por suas próprias palavras, ouvidas por suas próprias narrativas, para que assim sejam de fato pelos outros conhecidas e não por se ouvir falar destas a partir do lugar de fala de outrem. Sendo assim, não há outro caminho que não seja decolonizar para além de legitimar um lugar de fala, decolonizar para que se possa conhecer e reconhecer quem foram e são estas mulheres.

⁶¹ A colonialidade trouxe um saber eurocêntrico como universal. A decolonialidade busca então transgredir esta colonialidade, compreendendo que é impossível uma reversão da estrutura de poder colonial, busca encontrar formas de desafiar e romper com esta estrutura, para devolver a voz daqueles que foram silenciados.

4. DECOLONIZAR: O CAMINHO PARA A LEGITIMAÇÃO DO LUGAR DE FALA.

A colonização é um processo histórico pelo qual uma potência estabelece e controla assentamentos permanentes em territórios fora de suas fronteiras, geralmente com o objetivo de explorar recursos, expandir seu poder político e econômico, difundir sua cultura e impor seu domínio sobre os povos nativos. Ao longo da história, várias potências colonizaram extensas áreas do mundo, como o Império Britânico, o Império Espanhol, o Império Português, o Império Francês, entre outros. Os efeitos da colonização foram profundos e variados, e ainda são sentidos até hoje. Alguns dos principais impactos da colonização incluem: exploração de recursos, escravidão e trabalho forçado, reorganização social e cultural, conflitos étnicos, dependência econômica e subdesenvolvimento dentre tantos outros resquícios colonizadores que existem.

A colonização chegou no Brasil a bordo das Caravelas, trazendo consigo civilidade, humanidade, dignidade. Estes eram os valores que os colonizadores achavam estar imprimindo sobre os povos originários deste lugar quando aqui aportaram. Imbuídos de boa-fé, cheios de boas intenções, a fim de lhe mostrar um novo jeito de viver, não mediram esforços para acabar com aquela cultura desconhecida.

Ainda hoje muitos são os resquícios da colonização sobre o nosso cotidiano. Um dos fatores mais observados ainda é o racismo estrutural, que faz com que negros não alcancem lugares de poder, sempre ocupando as camadas mais baixas das esferas sociais. Essa herança da colonização que tanto assola o povo brasileiro somente poderá ser vencida através da transgressão, transgredir para decolonizar e assim legitimar um lugar de fala.

A transgressão por si só, sem um objetivo definido, incorre no sério risco de ridicularizar aqueles a que ela se atreve. É preciso sim transgredir, não respeitar regras que são impostas para coibir mulheres de alcançar seus lugares almejados. Mas de que forma realizar isso, se o patriarcado é estrutural? Como se portar de forma que as pessoas entendam que a bandeira levantada é justa e necessária? Como transpor o desafio de elucidar os fatos até hoje a nós contados e dizer que é preciso olhar por outro ângulo? É através da decolonização que se pode buscar a

transgressão efetiva, aquela que fará diferença no cotidiano das pessoas envolvidas. Transgredir para decolonizar é algo necessário, pois é somente através da observância do quanto o entendimento do próprio lugar de mundo daquele que é colonizado é deturpado, que se passa a entender a importância deste movimento.

Neste sentido, o filósofo indígena Ailton Krenak (2020b, p 01) afirma que “A verdade é que vivemos encurralados e refugiados no nosso próprio território há muito tempo”. Tal citação foi escrita no período de isolamento pandêmico da covid-19, mas seu teor nos lembra o que é ser colonizado. Krenak ainda afirma (2020b, p 09) “Tomara que não voltemos à normalidade”, citação esta que nos faz repensar qual é o nosso normal, qual seria o normal se não houvesse a colonização, qual seria nosso lugar de fala, a partir de onde falamos?

Os povos originários que aqui estavam quando os colonizadores chegaram tinham muito a contar, e viram sua história ser trocada, ser invalidada. Foram vistos como pessoas desumanizadas, pessoas inferiores e, portanto, subjugadas. O único direito que a eles foi resguardado era o de ser submisso ao seu colonizador. Neste sentido, toda a história que estes podiam passar às suas gerações se miscigenou de forma involuntária com uma história eurocêntrica. Se houvesse registros dos povos originários acerca da chegada dos colonizadores aqui seria muito interessante. Será que é no momento que eles desembarcam dos navios que o lugar de fala do povo originário é morto, morto no olhar daquele que não viu a humanidade em seu semelhante, que entendeu na busca de poder que poderia subjugar ao povo que aqui estava fazendo pensar que estavam sendo beneficiados?

Quando se pensa em algo desta magnitude, não há como não pensar em qual seria o lugar de fala ocupado agora se não houvesse a colonização. Lugar de fala, conceito este difundido pela filósofa Djamila Ribeiro ao discorrer sobre o feminismo negro, nada mais é do que reconhecer o lugar de onde se fala. Sobre a questão do lugar de fala, Djamila reforça que para o entendimento de sua teoria:

Antes de mais nada, é preciso esclarecer que quando utilizarmos a palavra discurso no decorrer do livro e falamos da importância de se interromper o regime de autorização discursiva, estamos nos referindo à noção foucaultiana de discurso. Ou seja, de não pensar discurso como amontoado de palavras ou concatenação de frases que pretendem um significado em si, mas como um sistema que estrutura determinado imaginário social, pois estaremos falando de poder e controle (RIBEIRO, 2019, p 42).

Ao tecer suas teorias a autora aponta que o lugar de fala garante o direito a uma existência digna a partir de um *locus* social, mas que isso não deve em momento algum reiterar uma visão essencialista, na qual apenas negros falam de racismo, por exemplo. Tal visão assegura o fato de que lugar de fala é muito mais sobre ser ouvido, do que sobre falar.

Joana Tolentino ao considerar esta busca por uma decolonização e consequente lugar de fala considera que:

Não queremos aqui nos afastar da filosofia, muito menos da atitude filosófica, talvez o que de mais genuíno haja nisso que denominamos como filosofar, mas se afastar (ou afastar a filosofia?) de suas invisibilizações, apagamentos, silenciamentos, afastá-la da violência epistemicida. Potencializando-nos para redesenhar a filosofia, reescrever sua história, preocupando-nos em compor essa história não de forma monocórdia, mas como colcha de retalhos, colorida, plena de diversidade nas distintas padronagens (TOLENTINO, 2018, p 88).

As minorias no Brasil gritam, e nestas as mulheres se incluem. Clamam pela busca de reconhecimento e garantia de acesso a sua cidadania através de seu lugar de fala assegurado, que tarda cada vez mais em chegar. Questões como direitos humanos, lugar de fala, racismo, são vistas atualmente no Brasil como “mimimi”. Esta é uma expressão que precisa ser superada e derrubada através da empatia. Cada vez que alguém busca se expressar, almejando alcançar seu lugar de fala é tido como vitimista ou “mimizento”. Seria importante um alargamento do pensar da sociedade, a fim de entender que é necessário dar voz a todos e reconhecê-los através de uma categorização, através da linguagem, para uma nomeação além dos rótulos.

Joana Tolentino (2018) busca relatar as ações de um grupo de pesquisa-ação que trabalha com filosofias decoloniais no Colégio Pedro II. O objetivo do grupo é tensionar o cânone filosófico e denunciar o silenciamento imposto pelo rígido modelo hegemônico excludente, bem como propor inovações nas estratégias de ensino em filosofia. O referido grupo de pesquisa teve início no ano de 2017, através do esforço de professores e pesquisadores de filosofia cientes da falácia da neutralidade dos saberes, que questionaram a tradição filosófica e o seu ensino na lógica colonial no qual opera. O grande objetivo do grupo é dar visibilidade à produção de saberes que foram subalternizados e invisibilizados, citando como exemplo as bruxarias, que foram por muito tempo atribuídas às mulheres, bem como as feitiçarias atribuídas aos afrodescendentes. A intenção é criar fissuras e porosidades nas escolhas curriculares

através dos relatos de vivências observadas e desta forma incluir estes saberes no percurso da tradição filosófica e de seu ensino. Entende-se que este objetivo possui um caráter desafiador imenso, uma vez que a tradição filosófica é bastante fechada.

Em uma perspectiva micro, a dor do outro importa. Em uma perspectiva macro, a dor do outro precisa criar na sociedade mudanças para que o objeto causador desta dor não ocorra mais. E não há como saber das dores de um povo se não há diálogo com o mesmo. Quando assegura-se um lugar de fala a este e não àquele, implica-se também no uso de um juízo de valoração, afinal quem é este que fala enquanto o outro escuta e o que tem ele a dizer que seja tão mais importante que a fala do outro? Desta forma, quem é a mulher que fala na filosofia? O que elas têm a dizer, a quem interessa?

Tendo em vista o aspecto colonizador da tradição filosófica, faz-se necessário que cada vez mais expoentes levem adiante a busca pelo entendimento desses saberes inferiorizados frente a uma perspectiva colonial se mantenha. A filosofia sobre a qual pensamos, escrevemos, aprendemos e ensinamos encontra-se aprisionada em um cânone excludente, que residem em processos de decolonialidade que legitimam e chancelam o que pode ou não ser considerado filosófico.

Grada Kilomba (2020), importante filósofa ativista, traz gravado na capa de seu livro “Memórias da plantação” a seguinte máxima: “O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada, uma ferida que dói sempre, por vezes infecta e outras vezes sangra”. Grada considera que ao tornar-se sujeito “eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou” (KILOMBA, 2020, p.28).

O racismo estrutural denunciado nos escritos de Grada Kilomba demonstra de que forma a colonização afetou toda a história de um povo. Como ferida não tratada, segue causando febre, dor e medo a todos aqueles que não se encaixam nos estereótipos colonizadores. É preciso recuperar a voz que o colonizador roubou.

É através da fala que se reconfiguram as relações de poder. Quando a fala encontra uma relação de escuta e escrita o poder se reconfigura para reproduzir um novo conhecimento. Pode-se entender, aqui, que o lugar de fala não busca que este ou aquele se sobressaia em evidência através de um discurso, mas que de fato sejam abertas possibilidades infinitas de diálogo, a fim de buscar uma coexistência pacífica e digna para todos. Entende-se que, para além da busca de uma existência digna, em um cenário ideal, existe a busca por esta coexistência digna a todos, que ultimamente em nosso país parece utópica. Reforça-se um discurso para a obtenção do poder.

A ignorância da importância do lugar de fala faz com que muitos se caleem, por desconhecer seu direito à fala, seu direito a ser ouvido. O lugar de fala deve ser assegurado a todos para que cada vez mais este seja um lugar para todas as minorias, visto que também se trata de acesso ao poder.

A conquista de um lugar de fala não se dá de forma fácil e tranquila. Muitos são os padrões a serem quebrados para que o lugar da fala de todos seja assegurado. É importante salientar que os que já têm sua voz assegurada, devem buscar que aqueles que ainda não têm alcancem este lugar tão almejado e é neste ponto que não é fácil de compreender o silenciamento de muitos dos mais importantes filósofos em relação à presença de mulheres nas mais diversas filosofias. Por meio da obtenção de seu espaço de fala um indivíduo passa a ser visto em sociedade. Mais ainda do que isto, passa a existir perante sua comunidade, perante a sociedade, passando assim a fazer parte de um grupo de indivíduos e assim assegurando sua representatividade e subsistência cultural.

Ao buscar o direito de se expressar, direito a ser ouvido a busca é muito mais profunda, pois ela reverbera a busca pelo direito de existir com dignidade, que deveria ser inerente a todo ser humano, mas que calcada em uma perspectiva histórica colonialista, não é. Nessa perspectiva Ailton Krenak compreende que buscar uma utilidade arraigada no colonialismo para a vida a torna inútil:

Por que insistimos em transformar a vida em uma coisa útil? Nós temos que ter coragem de ser radicalmente vivos, e não ficar barganhando a sobrevivência. Se continuarmos comendo o planeta, vamos todos sobreviver por só mais um dia. [...] . As religiões, a política, as ideologias se prestam muito bem a emoldurar uma vida útil. Mas quem está interessado em existência utilitária deve achar que esse mundo está ótimo: um tremendo shopping (KRENAK, 2020a, p. 52)

A teoria de Djamila Ribeiro (2019) faz com que aqueles que a conheçam e delas se apropriem, busquem de forma muito verdadeira assegurar que todos devem ser ouvidos, para além de ser apenas representados. A desconstrução para que ocorra este movimento necessário em todas as sociedades é profunda em seus alicerces culturais.

Em busca de seus alicerces culturais, Krenak afirma que:

A ideia da economia, por exemplo, essa coisa invisível, a não ser por aquele emblema de cifrão. Pode ser uma ficção afirmar que se a economia não estiver funcionando plenamente nós morreremos. Nós poderíamos colocar

todos os dirigentes do banco central em um cofre gigante e deixá-los vivendo lá, com a economia deles. Ninguém come dinheiro. [...] somente quando o último peixe estiver nas águas, e a última árvore for removida da terra, só então o homem perceberá que ele não é capaz de comer seu dinheiro (KRENAK, 2020a, p. 09)

Como seriam os livros didáticos brasileiros se a história fosse contada a partir do ponto de vista dos colonizados? Quais foram as interferências culturais? De que forma a colonização afetou o lugar de fala do povo? Haveria uma filosofia dita brasileira? Será mesmo que se a colonização não tivesse sido uma verdadeira barbárie, o jeito de se fazer filosofia neste país seria o mesmo? É preciso buscar a diversidade, pois a colonização cerceou a filosofia de diversas possibilidades do filosofar, ocasionando desta forma uma alienação de si. Tal ação compreende em excluir e silenciar filósofos africanos, latino-americanos, filosofias indígenas, oriundas de povos do oriente, indianos, chineses, árabes, mesopotâmios dentre outros e também a presença das mulheres como filósofas. Esta característica excludente da filosofia, inserida no aspecto patriarcal, nos faz indagar se a filosofia não estaria sendo tratada em suas teorias embasadas em um juízo de valor para aqueles que com ela trabalham. Cabe aqui um questionamento bastante amplo no sentido de se é possível dentro dessa perspectiva patriarcal e colonizada se fazer filosofia, pois o que hoje se entende por fazer filosofia trata-se apenas de uma repetição de comentários acerca dos grandes pensadores. É um saber eurocêntrico, construído sobre a vergonha de subjugar outros povos.

Dar voz e visibilidade a tudo aquilo que ainda hoje é colocado às margens da tradição filosófica, só pode ocorrer a partir do momento que se tem ciência de que a produção de saber implica sempre em produção de poder, logo se eu sei, então eu posso; se sei fazer filosofia, posso fazer filosofia, destituída de toda e qualquer implicação colonialista sobre esta ou aquela teoria. É importante salientar que a colonialidade gera aspectos de cunho racista, sexista e tem em si um modo de ser que opera alienando as minorias.

Por mais que esse movimento decolonialista pareça ser um afastamento da tradição filosófica, ele consiste no exato contrário. Tal movimento consiste em uma busca pelo afastamento das invisibilizações e silenciamentos, de uma violência epistemicida, potencializando os indivíduos para redesenhar a filosofia. Entende-se este como um movimento importante e necessário, que não busca instrumentalizar a filosofia, mas sim galgar degraus de aproximação da filosofia para com aqueles que

com ela trabalham, em uma busca de uma filosofia orgânica em si mesma, pois esta fala daquilo que lhe é semelhante.

Como seria decolonizar a filosofia? Em que aspectos poderia se dizer que a filosofia, o modo de filosofar, é de fato colonizado? A partir do entendimento de que momento se vivencia hoje na filosofia no Brasil, pode-se tecer conclusões acerca do modo de ser e fazer filosofia no Brasil.

O pensador Paulo Margutti considera que para se entender em que momento a filosofia está no Brasil é preciso compreender o aspecto histórico, enfatizando que: “Para entender a situação em que nos encontramos em termos de prática filosófica no país, convém que nos lembremos das nossas origens coloniais e da tradição ibérica que nos influencia até hoje” (MARGUTTI, 2018, p 224).

Não se pode mensurar quais são os efeitos que a colonização trouxe, apenas pode-se dizer que esta aniquilou toda uma cultura que insiste em resistir. Como mensurar os efeitos maléficos sobre todo um povo manejado como bem entendesse seu algoz? Ao questionar estes efeitos que perduram até hoje, Miranda e Riasco consideram que

Sobre a aventura colonial europeia, não se pode minimizar os efeitos do confinamento nas senzalas – entre outros arranjos mórbidos – para impor uma sobrevida e impor uma lógica da servidão. Aderimos a um quadro conceitual desenvolvido em conversa com os movimentos sociais de alguns países da nossa região (MIRANDA, RIASCO, 2016, p 568).

Como mensurar os efeitos que a colonização trouxe para a filosofia? Basta olhar para as grades curriculares dos cursos de graduação em filosofia, sejam eles licenciatura ou bacharelado, e constatar a não presença de outras filosofias que não estejam embasadas num cânone completamente eurocêntrico. Acerca disto o pensador Paulo Margutti enfatiza que:

Aqui, o ensino de filosofia nos cursos de graduação é caracterizado pela ênfase nos pensadores europeus e norte-americanos, com pouco interesse pelo que se faz no país nesse domínio. Como se não bastasse isso, os autores estudados pertencem sobretudo aos períodos da Filosofia Grega e da Filosofia Moderna, com pouca atenção concedida à Filosofia Contemporânea, desviando o interesse do aluno em relação ao estudo do momento atual e suas implicações filosóficas. Isso tudo é feito com base na justificativa de que, para se obter uma boa formação filosófica, é necessário conhecer os textos clássicos. Esse conhecimento, evidentemente, é necessário, mas não pode ser o único objetivo de um curso de graduação em

filosofia, pois, nesse caso, estaremos apenas desenvolvendo as habilidades exegéticas do aluno (MARGUTTI, 2018, p 225).

Onde andará a filosofia propriamente dita brasileira? Ou não se deve a ela se atrever? Quem foi que ensinou que o que aqui se faz não se trata de filosofia? Qual é o interesse em manter os pensantes confinados ao que outros pensam, sendo apenas papagaios, repetidores de ideias? O interesse é pelo poder, pois aquele que se cala (ou é calado) delega a decisão que cai sobre si a outrem. A respeito disto, de ver uma filosofia brasileira e tantas outras mais estampadas nos currículos de graduação Brasil afora, Sandoval e Santos denunciam que:

O que se verifica nos institutos do curso de filosofia no Brasil é uma abordagem etnocêntrica, eurocentrada e unicultural, por meio da qual se privilegia uma ideia de humanidade e racionalidade afastada de contextos e histórias próprias. Os contextos culturais, que traduzem os sentidos na filosofia brasileira, expressam-se em sua maioria apenas dos paradigmas indo-europeus (SANDOVAL, SANTOS, 2014, p 4).

E desta forma, aprendesse nos bancos da academia Brasileira a fazer uma filosofia baseada em repetições de teorias, embasadas em um cunho histórico, na qual não se tem voz nem vez. E assim se segue compreendendo que, como um resquício da colonização, não se é capaz de fazer filosofia. Torna-se então aquele que deseja fazer filosofia, o porta-voz da filosofia alheia, a gritar pelos quatro cantos do mundo uma teoria que não é sua, difundindo e solidificando ainda mais estas palavras. Acerca disto, Paulo Margutti (2018 p 224), enfatiza sobre os desavisados que se atrevem a expor suas teorias nos bancos acadêmicos que “o aluno que tenta alguma coisa nesse sentido é geralmente criticado por praticar o famigerado achismo”.

O que se tem hoje no Brasil é um currículo acadêmico recheado de componentes curriculares colonizadores. É fato que a colonização segue velada até os dias atuais. Está presente nos mais diversos lugares, ali escondida, intrínseca, disfarçada de normalidade, para fazer pensar que o que é próprio de um povo não é o normal, como por exemplo as mulheres negras alisando seus cabelos pois o cabelo bonito seguia o modelo do colonizador. Calcada num juízo de valor, a banalização da colonização nos inferioriza, sempre colocando o povo colonizado abaixo do seu colonizador para que este possa exercer seu domínio. Miranda e Riasco reafirmam a importância de um movimento decolonizador ao salientar que:

Defender pedagogias decoloniais faz parte de uma visão educacional emergente e que será mais bem compreendida quando alinhadas aos estudos desenvolvidos no âmbito da América Latina, principalmente no diálogo com os movimentos sociais que lutam contra processos de subalternização. Vistos como “não europeus” ou “desprovidos de brancura”, todos os (as) outros (as) da colonização – nesse caso, da América Latina –, sofrem a degenerescência de suas identidades e passam a ser representados como aquilo que sobra, o “resto do mundo” – como ocorreu com os povos originários de países transformados em colônias de exploração e com os que foram sequestrados escravizados e retirados de seus lugares de origem (MIRANDA, RIASCO, 2016, p 569)

Os outros da colonização. É preciso que os outros sejam vistos. Ouvidos. Que se lhe permitam falar. Vistos como um resto de mundo subalternizado, destroçados em sua identidade, explorados, e cheios de histórias para contar. Eis aí um povo que se calou por muito tempo. Talvez por isso a própria voz possa parecer estranha e errada para alguns e estes sigam entendendo a voz de seus colonizadores como as corretas. Talvez esta seja a dificuldade em compreender um lugar de fala das mulheres nas filosofias, pois para o homem colonizado o lugar de fala que lhe coube foi contar a história de seu colonizador. Sandoval e Santos reiteram este processo doloroso de submissão:

O outro dispositivo forte da colonialidade do poder refere-se à imposição da racionalidade-modernidade eurocêntrica [...] que manteve como estrutura de funcionamento a negação de todos os direitos dos povos colonizados menos a submissão, com heranças nas formas de produção de conhecimento imbricada na colonialidade do poder (SANDOVAL, SANTOS, 2014 p 6).

É urgente e necessário decolonizar o currículo dos cursos de graduação em Filosofia no Brasil. Aprendeu-se tanto e internalizou-se de forma absurdamente estruturada o papel de subalternidade que esse perdura até a atualidade. Muito se faz atualmente no sentido de movimentos decolonialistas, mas para que estes sejam efetivos precisam estar de fato nos currículos escolares e que os indivíduos tenham contato desde a mais tenra idade. Ao considerar de que forma se dá o currículo nas universidades brasileiras nos cursos de Filosofia, Margutti considera que:

Essa pedagogia equivocada encontra um reforço nos cursos de mestrado em filosofia. Aqui, continua a ênfase nas filosofias europeia e norte-americana, com pouco interesse pela filosofia praticada no país. Essa última é considerada por muitos como inexistente. O caso dos cursos de doutorado em filosofia é mais complicado ainda. Com efeito, depois de anos de estudo incentivando a exegese de textos, o aluno encontra-se subitamente diante da exigência de produzir um trabalho original, demandando uma reflexão autônoma que ele nunca praticou (MARGUTTI, 2018 p 227)

O currículo de filosofia vigente nos cursos de graduação, mestrado e doutorado encontra-se hoje, como bem se pode ver nas citações aqui apresentadas, mergulhados no mar eurocêntricos, completamente afogados em repetir uma única filosofia, encerrada em si e nada mais. Os componentes curriculares que buscam tratar a presença das mulheres nas filosofias (e também de outras minorias), da decolonialidade, figuram hoje como componentes de tópicos especiais. São movimentos que ocorrem de forma independente, não figurando estes como componentes definitivos nos currículos.

A decolonização urge em nosso meio como movimento completamente necessário, movimento este que já começou, e que uma vez começado, não há como voltar atrás. É um movimento diverso, com muitas faces e que busca acima de tudo a vivência de uma história propriamente sua.

Para falar da decolonização de forma efetiva, é preciso aqui citar filosofas contemporâneas negras, como Sueli Carneiro⁶², Lelia Gonzalez⁶³ e também Djamila Ribeiro⁶⁴. O movimento filosófico feminista negro é notório no Brasil. As teorias de Djamila Ribeiro de certa forma, foram a fagulha que iniciou o incêndio nos pensamentos da autora desta pesquisa. Sua busca por um lugar de fala reacenderam a chama do entendimento da necessidade de travar uma batalha por voz, por vez!

Como assegurar um lugar de fala para as mulheres na filosofia? Decolonizando. Atualmente a luta das mulheres está em se fazer presente, em transgredir as regras de currículos e espaços que não foram feitos para elas. Quando os lugares começarão a ser pensados para as mulheres, para as filosofias, para um movimento filosófico decolonial includente? Observe-se que as filosofias, assim como as mulheres, são muitas. É hora de reconhecê-las, as mulheres e as filosofias! Para além de apenas reconhecer as mulheres em seu lugar de direito nas diversas filosofias, inserindo-as de forma efetiva em um currículo que seja dito próprio!

⁶² Filósofa, escritora e ativista antirracismo do movimento social negro brasileiro (1950).

⁶³ Intelectual, autora, política, professora, filósofa e antropóloga brasileira (1935-1994).

⁶⁴ Filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira (1980).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre há o que falar quando o assunto for mulheres e filosofias. Este é um tópico que não se encerra em si e que precisa ser discutido para que se faça reverberar nas mais diversas culturas e nos mais diferentes modos de pensar. O termo mulher foi aqui escolhido pela vivência pessoal da autora desta pesquisa nos componentes curriculares da graduação, mas ele caberia para qualquer outro ator que não é comum na filosofia, diferente dos padrões pré-estabelecidos. Tais afirmações nos fazem questionar se há um estereótipo daquele que faz filosofia. Sim, há (o homem). Há muito já se falou até aqui da problemática das mulheres que buscam se inserir na filosofia e este assunto não se esgota. As mulheres ao longo da história foram vistas como seres inferiores, desumanizados, incapazes, relegados às condições que se acreditava serem próprias de uma biologia feminina. Neste sentido, percebe-se que as mulheres nunca foram inseridas como *logos* nos registros encontrados acerca da sua presença na filosofia, e sim sempre figurou como um objeto e nunca como sujeito. A ideia de uma razão masculina deixou para as mulheres apenas características que os homens entendem como menores, inferiores, tais como a criatividade e a imaginação.

Gera um incômodo particular perceber que as mulheres estão sim presentes no âmbito filosófico, mas apenas na medida em que os homens a permitem, apenas para que se cumpra uma regra, de se portar de forma politicamente correta, uma regra de inclusão disfarçada em que os homens permitem a presença das mulheres, mas apenas para que essas se façam presentes, para que os outros vejam que há mulheres na filosofia, não esperando nada destas mulheres. Este pequeno espaço que foi aberto para as mulheres, o de estar presente no meio acadêmico buscando um lugar de fala, abriu as portas para que as mulheres pudessem a seu modo conquistar um lugar legítimo. A transgressão das regras impostas deu-se como um caminho a ser percorrido sem ser questionado, uma vez que não há outro caminho quando um algoz te limita a caber em um espaço em que você transborda. Como um rio, não houve outra alternativa para as mulheres que buscaram fazer filosofia, a não ser questionar o curso das águas e mudar o leito do rio. Quando um rio muda seu curso, muda também a paisagem ao seu redor. Para as mulheres isso é decolonizar.

A decolonização precisa ocorrer de uma forma gradual e efetiva. É somente através dela que se pode legitimar um lugar de fala das mulheres e de qualquer outro que não se encaixe no estereótipo do ser que faz filosofia. Não adianta inserir a diversidade no meio filosófico para que se faça cumprir aos olhos da sociedade o politicamente correto, muito pelo contrário, é preciso querer essa inclusão. Assim como as quedas d'água fazem um imenso barulho, assim também o mover da decolonização não é silencioso, o que incomoda o ouvido de alguns.

É preciso decolonizar, olhar por outro ângulo, encontrar novas perspectivas, se livrando do perigo de uma história única, de uma única voz, de um único ponto de vista. Quando aqui se fala em decolonização, não se trata de excluir tudo aquilo que já tem sido tratado, todas as nuances já tão bem conhecidas, não precisam ser invalidadas, não se trata aqui de uma filosofia decolonial excludente, pois esse aspecto da colonização nos moldou nos fez ser o que somos hoje. É preciso que as novas gerações conheçam a história e entendam o quanto esse apagamento das mulheres nas filosofias foi massacrante. Pensar uma filosofia decolonial excludente, somente faria com que todo esse movimento de apagamento pudesse voltar a acontecer futuramente. Não é por reverência de uma corrente filosófica ou outra que se faz esse movimento de manter vivas as mais diversas manifestações filosóficas. É preciso manter na memória como as mulheres foram tratadas para que isso não se repita nunca mais.

Entende-se, desta forma, que não há outro caminho para a legitimação de um lugar de fala das mulheres nas diversas filosofias, que não seja a decolonização. Transgredir as normas que massacram para decolonizar. O resgate de uma cultura própria de um povo, de um jeito de ser e estar no mundo completamente diferentes e únicos, faz com que as diversas filosofias possam emergir das águas profundas em que se encontram submersas.

Impor um modo de ser e pensar sobre outro povo é cruel e geralmente está ligado à busca de dominação e poder. É preciso acabar com as pequenas colonizações do cotidiano que ocorrem até hoje. No caso das mulheres, deixá-las falar. São séculos de silêncio e há muito a ser ouvido. Para que o rio possa fluir em seu novo curso é preciso que as margens se adequem a ele! Apesar da presença efetiva das mulheres nas filosofias já ser uma realidade, a legitimação de seu lugar de fala ainda precisa ser consolidada, através da decolonização!

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana. Do Segundo Sexo por Simone de Beauvoir. In: **Mulher e Filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico**. Porto Alegre: Fi, 2015, p 83-103.
- ANDRIOLI, Líria A. O corpo e a mulher na história da filosofia: uma leitura a partir de Merleau-Ponty centrada na atual discussão sobre a corporeidade. 2011. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Monografias/corpo_mulher_filosofia.pdf. Acesso em 02 mai 2022.
- ARAÚJO, Carolina. Quatorze anos de desigualdade: mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 13-33, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/155750>. Acesso em: 12 jun. 2023.
- BARRANCOS, Dora. **História dos feminismos na América Latina**. Bazar do Tempo, 2022. 288 p.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo** (1949). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. 759 p.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In: **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019, p 25-47.
- FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. **As mulheres na filosofia**. Lisboa: Edições Colibri. 2009. 252 p.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020. 249 p.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil: ideias para salvar a humanidade**. Editora Objectiva, 2020. 128 p.
- KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. Companhia das Letras, 2020. 25 p.
- MARGUTTI, Paulo. Filosofia brasileira e pensamento descolonial. **Sapere Aude**, v. 9, n. 18, p. 223-239, 2018.
- MARGUTTI, Paulo. **Nísia Floresta, uma brasileira desconhecida: feminismo, positivismo e outras tendências**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019. 374 p.
- MCCANN, Hannah *et al.* **O livro do feminismo**. Rio de Janeiro. Globo Livros. 2019. 352 p.
- MENEZES, Magali Mendes de. A filosofia feminista desde os olhares da filosofia intercultural: uma reflexão entre margens. In: **Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico**. Porto Alegre: Fi, 2015. p 62-81.
- MIRANDA, Claudia; RIASCO, Fanny Milena Quiñones. Pedagogias decoloniais e interculturalidade: desafios para uma agenda educacional antirracista. **Educação em Foco**, p. 545-572, 2016.

NOGUERA, Renato. Prefácio. In: HENNEMANN, Natasha; LESSA, Fabiana. **Filósofas: O legado das mulheres na história do pensamento mundial**. Maquinaria Sankto, 2022. p 9-13.

PACHECO, Juliana. Onde estão as filósofas na filosofia? In: **Mulher e Filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico**. Porto Alegre: Fi, 2015 p 14-32.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.112 p.

ROSA, Graziela Rinaldi da. Transgressões, subversões e as margens do pensamento filosófico. In: **Mulher e Filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico**. Porto Alegre: Fi, 2015, p 33-65.

SANDOVAL, Ana Claudia Rozo; SANTOS, Luís Carlos. Estudos Decoloniais e Filosofia Africana: Por uma perspectiva outra no ensino da filosofia. **Páginas de Filosofia**, v. 6, n. 2, p. 1-18, 2014.

TIBURI, Márcia. Prefácio. In: **Mulher e Filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico**. Porto Alegre: Fi, 2015 p 11-14

TOLENTINO, Joana. “Corpoder–filosofias decoloniais: Corpos, poderes e saberes”: Grupo de pesquisa-ação e ensino de filosofia. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, v. 9, n. 3, p. 78-89, 2018.